

**PARENTALIDADE, MÍDIAS DIGITAIS E PRIMEIRA INFÂNCIA:
UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

Fernanda Martins Marques

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-graduação em Psicologia
Porto Alegre, julho de 2024

**PARENTALIDADE, MÍDIAS DIGITAIS E PRIMEIRA INFÂNCIA:
UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

Fernanda Martins Marques

Tese apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Doutora em Psicologia
sob orientação da Prof.^a Dra. Giana Bitencourt Frizzo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-graduação em Psicologia
Porto Alegre, julho de 2024

Agradecimentos

Somente foi possível realizar esta tese com a contribuição de diferentes pessoas e instituições que me apoiaram, orientaram e incentivaram ao longo deste percurso.

Agradeço primeiramente à professora Dra. Giana Bitencourt Frizzo, pela disponibilidade em receber uma orientanda que estava afastada das atividades de pesquisa já há alguns anos. Sou muito grata pela acolhida, pelas orientações e reflexões, pelo aprendizado, pela confiança no meu potencial e por possibilitar, com seu entusiasmo pelo trabalho que desenvolve, que eu resgatasse o interesse pela vida acadêmica.

Às professoras que fizeram parte da banca de qualificação do projeto de tese e da banca final de defesa da tese, Dra. Conceição Aparecida Serralha, Dra. Lívia Maria Bedin e Dra. Tagma Marina Schneider Donelli, pela análise crítica e construtiva e pelas importantes contribuições, que ajudaram a qualificar teoricamente e metodologicamente este trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) pelo financiamento do projeto guarda-chuva no qual esta tese se insere.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), instituição onde tenho a satisfação e a alegria de trabalhar, e que há mais de 25 anos contribui para a minha formação. Agradeço especialmente aos docentes e técnico-administrativos do Programa de Pós-graduação em Psicologia pelo aprendizado e pelo suporte recebido ao longo do doutorado.

À ex-diretora da Creche da UFRGS, Aida Cássia Leal Garcia, e ao diretor do Colégio de Aplicação, professor Dr. Rafael Vasques Brandão, por me concederem o Afastamento no País para Estudos, que possibilitou minha dedicação integral ao doutorado. Espero poder retribuir à altura à universidade, através do meu trabalho, a formação recebida e as condições que me foram oferecidas para realizá-la.

A toda a equipe da Creche da UFRGS, de maneira especial, sou grata pela amizade e pela parceria de trabalho ao longo de quase dez anos, período que deixou ótimas lembranças e que seguirá me inspirando ao longo da vida. Aos pais e às crianças da Creche, agradeço pela confiança no meu trabalho, pelo aprendizado que me proporcionaram e pelo privilégio de poder acompanhar o seu crescimento e desenvolvimento. Foram as reflexões suscitadas por minha experiência profissional na Creche que me levaram a iniciar a elaboração desta tese.

Às colegas do NUFABE, Bruna Gabriella Pedrotti, Clara Micaela Heberle, Elisa Azevedo, Gabriela Vescovi, Helena da Silveira Riter, Indianara Sehapharini, Liziane Guedes, Maíra Almeida, Manoela Yustas Mallmann, Maria Adélia Minghelli Pieta, Mônica Sperb Machado, Monique Schwochow, Patrícia Santos da Silva, Roberta Machemer e Sofia Sebben, por me acolherem tão bem na equipe e por compartilharem comigo, cada uma à sua maneira e em diferentes momentos deste percurso, o interesse pelo tema de pesquisa, o estágio docência e outras atividades curriculares, a escrita de artigos e projetos, os desafios e as alegrias de ser pós-graduanda. Conviver com vocês foi fundamental para o meu processo de aprendizagem durante o doutorado.

Agradeço especialmente a Bruna Gabriella Pedrotti, Gabriela Vescovi, Manoela Yustas Mallmann e Sofia Sebben por me ajudarem a realizar as entrevistas, que geraram dados muito ricos. Obrigada pela disponibilidade e pela parceria, mesmo em meio a uma pandemia e a tantas outras atividades em que todas estavam envolvidas.

A Carolina da Silveira Riter, Débora Santos da Silva, Isabela Porto Veronese, Natália Rosmann e Pedro Nunes, pelo auxílio na transcrição das entrevistas. Obrigada por realizarem um trabalho que consome tempo, exige concentração, paciência e sensibilidade, e que pode, muitas vezes, tornar-se cansativo.

Às mães e pais que participaram da pesquisa, pela admirável disponibilidade em compartilhar suas experiências em meio ao contexto sensível e imprevisível de uma pandemia,

sem os quais não teria sido possível a realização deste estudo. Obrigada pelo aprendizado que me proporcionaram e por contribuírem para a construção de conhecimento sobre parentalidade, mídias digitais e primeira infância.

À minha mãe e às minhas irmãs, pelo amor, suporte e cumplicidade, e a toda a “big family” pelos momentos felizes e revitalizantes de convivência. Ao meu pai, que não está mais aqui conosco, mas que segue me apoiando através das boas lembranças e dos valores que transmitiu.

Ao Paulo, por todo o amor, apoio, cuidado, paciência e companheirismo. Obrigada por ter me incentivado a realizar o doutorado e por ter trazido mais leveza e alegria aos momentos desafiadores dessa caminhada. Sou muito grata por te ter como parceiro nessa viagem incrível que é a vida.

Ao Pedro, pela admiração, pelos abraços e risadas, pela compreensão nos momentos em que não estive disponível e pelo incentivo. Obrigada pela oportunidade que me dá, diariamente, de desejar tornar-me uma pessoa melhor, e por trazer muito mais vida à minha vida.

Sumário

| | |
|--|----|
| Resumo | 08 |
| Abstract | 09 |
| Apresentação | 10 |
| Introdução | 19 |
| Artigo 1: Mídias digitais: Fascínio, horror e mal-estar na maternidade contemporânea | 25 |
| Resumo | 25 |
| Abstract | 26 |
| Artigo 2: O que há por trás das telas? Mídias digitais e maternidade | 27 |
| Resumo | 27 |
| Abstract | 28 |
| Artigo 3: Mídias digitais na primeira infância: uma análise qualitativa e longitudinal dos fundamentos das práticas maternas | 29 |
| Resumo | 29 |
| Abstract | 31 |
| Artigo 4: “A gente se sente E.T.”: Desafios das mídias digitais às funções parentais na primeira infância | 32 |
| Resumo | 32 |
| Abstract | 33 |
| Artigo 5: Experiências subjetivas e práticas paternas relativas às mídias digitais na primeira infância no contexto da pandemia por COVID-19 | 34 |
| Resumo | 34 |
| Abstract | 35 |
| Discussão Geral | 36 |
| Referências | 47 |
| Anexo A. Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa | 65 |
| Anexo B. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Etapa 1 | 72 |
| Anexo C. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Etapa 2 | 73 |
| Anexo D. Questionário de Dados Sociodemográficos | 74 |
| Anexo E. Entrevista Sobre Interação Familiar com Uso de Tecnologias – Etapa 1 | 76 |
| Anexo F. Entrevista Sobre Interação Familiar com Uso de Tecnologias – Etapa 2..... | 77 |

Lista de Figuras

| | |
|---|----|
| Figura 1. Estrutura geral da tese | 18 |
|---|----|

Resumo

O objetivo desta tese foi compreender, a partir de uma perspectiva psicanalítica, as experiências subjetivas e práticas de mães e pais em relação às mídias digitais na primeira infância. Para isso, efetuou-se um estudo qualitativo e longitudinal com 22 mães que tinham filhos nessa faixa etária, sendo realizada uma etapa antes e outra durante a pandemia por COVID-19. Também foi realizado um estudo qualitativo e transversal com 7 pais no contexto da pandemia. Em ambos, os participantes responderam um questionário sociodemográfico e uma entrevista sobre uso de mídias digitais na família, que foi submetida a análise temática reflexiva. A experiência subjetiva de mães e pais foi marcada por um misto de fascínio e horror em relação às mídias digitais e por mal-estar pelo uso. Suas práticas basearam-se em fundamentos objetivos, subjetivos e relacionais e as mídias digitais exerceram diferentes funções, atendendo às necessidades parentais. Os desafios enfrentados pelos participantes foram cuidar e educar os filhos para o uso de mídias digitais e gerenciá-lo à medida que a criança foi inserida no contexto social. Foram observadas algumas mudanças nas experiências subjetivas e práticas maternas ao longo do tempo, que estiveram relacionadas ao desenvolvimento infantil e à pandemia. Embora os resultados dos pais tenham sido semelhantes aos das mães, alguns relatos sugeriram maior carga mental e emocional materna pelo uso de mídias digitais feito pelas crianças. Sugere-se aprimorar a escuta e o suporte individualizado às famílias e envolver os pais, outros cuidadores e instâncias sociais em intervenções e pesquisas.

Palavras-chave: Parentalidade; mídias digitais; desenvolvimento infantil; psicanálise; COVID-19

**Parenting, Digital Media and Early Childhood:
A Psychoanalytic Perspective**

Abstract

The current doctoral dissertation aimed to investigate parental subjective experiences and practices regarding digital media in early childhood from a psychoanalytic perspective. A qualitative and longitudinal study was conducted involving 22 mothers with children in this age group, with one stage conducted before and another during the COVID-19 pandemic. Additionally, a qualitative and cross-sectional study was carried out with 7 fathers within the pandemic context. In both studies, participants completed a sociodemographic questionnaire and answered to interviews concerning family digital media usage, which were analyzed using reflexive thematic analysis. Mothers and fathers expressed a blend of fascination and apprehension towards digital media, coupled with discomfort stemming from its usage. Their practices were rooted in objective, subjective, and relational frameworks, with digital media serving various functions to meet parental needs. Participants encountered challenges in both nurturing and educating their children about digital media usage, as well as in managing their exposure to these devices within the broader social context. Some changes in maternal subjective experiences and practices over time were observed, related both to child development and to the pandemic. Although the results for fathers were similar to those for mothers, some reports suggested a greater mental and emotional burden on mothers due to their children's use of digital media. Recommendations include listening to families, providing them tailored support, and engaging fathers, other caregivers, and social instances in interventions and research efforts concerning digital media use in early childhood.

Keywords: Parenting; digital media; child development; psychoanalysis; COVID-19

Apresentação

O objetivo desta seção é apresentar e contextualizar o percurso de construção desta tese e a forma como os artigos que a compõem estão organizados e relacionados. Também será apresentado um breve relato das atividades em que estive envolvida ao longo do doutorado, e de que modo essas contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Iniciei o curso de doutorado no PPG em Psicologia da UFRGS em março de 2020, uma semana antes da eclosão da pandemia por COVID-19 no Brasil, e estava no momento de escrita final desta tese quando um evento climático extremo atingiu o Rio Grande do Sul, inundando cidades de diversas regiões do estado, causando mortes e deixando milhares de pessoas desabrigadas ou desalojadas. Durante essas duas crises, em alguns momentos a realização deste trabalho parecia perder o sentido diante dos gravíssimos problemas que se avizinhavam, decorrentes de uma pandemia e de uma enchente sem precedentes na história do nosso estado. Ao mesmo tempo, esses eventos críticos deixaram muito evidente a importância do trabalho de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento para a melhoria da sociedade, o que renovou minha expectativa de que esta tese possa, de alguma forma e em algum momento, vir a contribuir para o atendimento prestado às famílias com filhos na primeira infância.

A trajetória que resultou neste trabalho teve início em observações e reflexões sobre parentalidade, mídias digitais¹ e primeira infância advindas de minha prática profissional como

¹ Por mídias digitais, entende-se o conjunto de dispositivos, formatos e métodos de comunicação que veiculam conteúdo digitalizado por meio de sinais digitais, como na Internet, na TV e em redes de computadores e de telefonia. Exemplos de mídias digitais incluem softwares de computador, aplicativos móveis, redes sociais, videogames, páginas da Web, imagens (fotos e vídeos) digitais, e-books e smartphones (American Psychological Association [APA], 2019). Na literatura, são encontrados os mais diversos termos para designar mídias

psicóloga da extinta Creche Francesca Zacaro Faraco, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ao longo dos quase dez anos em que trabalhei no local, acompanhei a inserção crescente das mídias digitais portáteis na rotina de bebês e de crianças muito pequenas, que parecia se constituir, gradativamente, como uma característica própria da infância contemporânea. Observei que mães e pais recorriam a esses dispositivos em diferentes momentos da rotina de seus filhos: para chegar até a Creche no início da manhã, evitando choros durante o deslocamento, para manejar recusas alimentares ou para acalmar a criança em variadas situações cotidianas.

Com base em minha experiência profissional como psicóloga clínica e educacional, e em minha formação teórica - sedimentada na psicanálise e na psicologia do desenvolvimento - passei a me questionar sobre os impactos do uso dessas novas tecnologias no desenvolvimento das crianças, bem como a respeito do papel que esses dispositivos vinham exercendo na parentalidade. Buscando interlocução para esses questionamentos, comecei a participar – inicialmente como voluntária e posteriormente como aluna de doutorado - do projeto de pesquisa *“Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil”* (Frizzo et al., 2017), coordenado pela professora Dra. Giana Bitencourt Frizzo, do Núcleo de Estudos e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças (NUFABE) do Instituto de Psicologia da UFRGS.

digitais, tais como tecnologias, tecnologias touchscreen, smartphones, celulares, tablets, mídias passivas, mídias ativas, dispositivos móveis, *gadgets*, entre outros. Para fins desta tese, será utilizado o termo mídias digitais, exceto quando os autores de outros trabalhos optarem por expressões distintas ou quando o emprego de termos diversos se fizer necessário para manter a fluência do texto, evitando que o mesmo se torne repetitivo.

Ao entrar em contato com a literatura sobre mídias digitais e desenvolvimento infantil, ainda como voluntária do projeto em 2019, observei que a mesma era formada, predominantemente, por estudos empíricos da área médica, que tinham como objetivos principais descrever a utilização desses dispositivos, os fatores associados a um maior tempo de uso entre crianças pequenas e seus efeitos em diferentes domínios do desenvolvimento. Por outro lado, encontrei trabalhos de autores psicanalíticos contemporâneos discutindo os possíveis prejuízos do uso desses dispositivos nos primeiros anos de vida (Bernardino, 2017; Jerusalinsky, 2017a; 2017b). Porém, ainda sentia falta de estudos empíricos sobre o tópico que tomassem como base teórica a psicanálise e que discutissem, de algum modo, as mudanças no uso de mídias digitais na interface com o desenvolvimento infantil.

Foi então que tive acesso a trabalhos do NUFABE que abordavam o tema sob essa perspectiva (Azevedo et al., 2022; Mallmann & Frizzo, 2019; Mallmann et al., in press; Pedrotti, 2019). Percorrer um caminho que já havia sido trilhado anteriormente pela professora Giana e pelas colegas pesquisadoras Elisa Cardoso Azevedo, Bruna Gabriella Pedrotti, Manoela Yustas Mallmann, Maíra Almeida, Gabriela Vescovi, Maria Adélia Minghelli Pieta e Helena da Silveira Riter facilitou enormemente meu trabalho, já que na época se tratava de uma temática ainda pouco investigada sob essa perspectiva, especialmente no que diz respeito às mídias digitais portáteis e interativas e aos primeiros anos de vida.

O objetivo geral do projeto mais amplo do NUFABE, onde se insere esta tese, é investigar como as mídias digitais vêm sendo utilizadas em famílias com bebês de até 36 meses² e de que forma esse uso afeta o desenvolvimento infantil. Dentre os diversos tópicos

² Com a eclosão da pandemia por COVID-19 e o conseqüente atraso nas coletas longitudinais que estavam previstas, foi ampliada a faixa etária abarcada pelo estudo guarda-chuva, que

nele abordados, interessou-me especificamente a relação entre parentalidade e uso de mídias digitais na primeira infância. Uma das investigações do grupo (Azevedo et al., 2022) havia mostrado que ocorrem mudanças na prática materna de oferecer mídias digitais em momentos da rotina conforme a idade da criança. O uso durante a alimentação, por exemplo, aumentou de 5,6% entre bebês de até 12 meses para mais de 20% entre as crianças de 13 a 36 meses. Já o uso para acalmar a criança foi referido especialmente em mães com filhos entre 13 e 24 meses, período em que são comuns o negativismo e as crises de raiva diante de frustrações (American Academy of Pediatrics [AAP], 2009; Brazelton, 1994; Goldschmied & Jackson, 2006). Esses resultados sugeriam alterações nas práticas maternas em relação às mídias digitais ao longo do tempo, que pareciam estar relacionadas a aspectos do desenvolvimento infantil, o que ainda precisava ser melhor investigado.

Além disso, pesquisas do NUFABE haviam indicado que o uso de mídias digitais na primeira infância ocorre mais por uma necessidade das mães em momentos de cuidado com os filhos do que como recurso empregado em benefício destes (Mallmann & Frizzo, 2019). Esses estudos encontraram que as mães recorrem às telas de modo a se liberarem do cuidado à criança para realizarem outras tarefas, como atividades profissionais e domésticas (Azevedo et al., 2022; Mallmann, & Frizzo, 2019). Esses dados indicavam a importância de se atentar para as necessidades maternas em investigações sobre uso de mídias digitais na primeira infância.

As pesquisas do grupo também haviam investigado as opiniões, crenças e sentimentos maternos a respeito das mídias digitais. Mallmann e Frizzo (2019), a partir de grupos focais com mães de bebês de até 2 anos que utilizavam esses dispositivos com seus filhos, identificaram sentimentos ambivalentes em relação a esse uso. As participantes referiram culpa

passou a ter como foco a primeira infância, etapa que abrange os primeiros 72 meses de vida da criança (Brasil, 2016).

e preocupação sobre os possíveis efeitos do uso de mídias digitais, tanto pelas crianças quanto pelas mães, ao mesmo tempo em que as utilizavam em momentos de cuidado com seus filhos. Já Pedrotti (2019) entrevistou mães de bebês de até 24 meses que prescindiam do uso de mídias digitais com seus filhos. Para essas participantes, o uso costuma ocorrer nas famílias por uma necessidade dos adultos, e não das crianças, por isso buscavam priorizar atividades nas quais havia maior interação com os filhos. No entanto, mesmo esses bebês que não tinham acesso às mídias digitais quando estavam com suas mães, acabavam por ter contato com as telas em momentos nos quais ficavam com outros cuidadores, os quais as ofertavam para entretê-los (Pedrotti, 2019).

Buscando melhor compreender essa questão, em outra investigação do NUFABE Rosa et al. (2020) investigaram o papel da coparentalidade e da rede de apoio materna na exposição de bebês às mídias digitais. Ao mesmo tempo em que era uma alternativa ao uso desses dispositivos, a rede de apoio - constituída especialmente pela avó materna - também se mostrou uma fonte de acesso dos bebês aos eletrônicos. O estudo também evidenciou que mães que prescindiam do uso de mídias digitais na rotina dos bebês relataram com maior frequência haver consenso com o pai da criança a respeito dessa conduta. Já mães cujos bebês utilizavam mídias digitais referiram não haver uma combinação prévia do casal parental sobre o assunto. O estudo também encontrou que as mães que qualificaram a participação do pai como “mais interativa” também referiram que ele utilizava mais as brincadeiras do que as mídias digitais ao cuidar do bebê. Esses resultados apontavam, portanto, para a necessidade de ampliar a compreensão acerca da parentalidade e do uso de mídias digitais na primeira infância para além das mães, acessando diretamente os pais e outros cuidadores. A importância de escutar os pais também havia sido pontuada nas bancas de defesa das dissertações de mestrado das colegas Bruna Gabriella Pedrotti e Manoela Yustas Mallmann. Ademais, a revisão da literatura na área também indicava essa direção, já que existe um predomínio de investigações realizadas apenas

com mães ou com poucos pais compondo a amostra, com conseqüente predomínio da perspectiva materna nas pesquisas sobre o tema (Balleys, 2022).

Paralelamente ao contato com os resultados dos estudos do NUFABE, integrei-me ao grupo na realização da segunda etapa da coleta de dados longitudinal do projeto guarda-chuva, ocorrida de janeiro a março de 2020. No entanto, logo em seguida deu-se a eclosão da pandemia por COVID-19, com a conseqüente interrupção de todas as atividades presenciais do doutorado: aulas, reuniões, grupos de estudo e coletas de dados. O cenário de incertezas, que foi se estendendo muito além do previsto inicialmente, trazendo conseqüências desafiadoras para pessoas do mundo inteiro, deixou muito claro que a minha proposta de tese não poderia prescindir de uma discussão sobre o uso de mídias digitais no contexto da pandemia.

Durante esse período de suspensão das atividades presenciais, integrei-me a um novo projeto de pesquisa do NUFABE, que tinha como objetivo, por meio de um *survey* on-line, comparar o uso de mídias digitais por crianças de até 36 meses e suas mães, além dos índices de saúde mental materna, em duas amostras, uma acessada antes e outra durante a pandemia por COVID-19 no Brasil. Participei da escrita, da coleta e da discussão dos dados desse projeto, além de contribuir na escrita de dois artigos que foram publicados em periódicos internacionais (Pedrotti et al., 2021; Riter et al., 2021).

Nesse estudo comparativo, encontramos maiores índices de sintomas indicativos de transtornos mentais comuns no grupo de mães que foram acessadas durante a pandemia do que no grupo pesquisado anteriormente a essa crise de saúde. Esses sintomas estiveram associados à intenção materna de oferecer mídias digitais às crianças em ambos os grupos, antes e durante a pandemia. Além disso, a duração do uso de mídias digitais pela mãe contribuiu para explicar a duração do uso feito pela criança (Pedrotti et al., 2021). Em outro trabalho do NUFABE realizado durante a pandemia (Riter, 2021), a perda da rede de apoio no cuidado à criança, devido às medidas de distanciamento social adotadas, esteve associada a aumento no tempo de

uso de mídias digitais e à inserção de novos dispositivos na rotina das crianças. Esses resultados reforçavam o entendimento de que o uso de mídias digitais feito pela criança está associado a variáveis parentais, como saúde mental materna, tempo de uso de mídias digitais pela mãe, intenção de oferecer mídias digitais aos filhos e necessidades maternas, fatores esses que precisam ser considerados em estudos e intervenções sobre uso de mídias digitais na primeira infância (Pedrotti et al., 2021). Apesar desses importantes resultados, as mudanças nas práticas maternas durante a pandemia ainda necessitavam ser compreendidas de modo aprofundado, o que sugeria a realização de estudos qualitativos (Riter, 2021).

Com o objetivo de difundir os resultados dos estudos do grupo e de auxiliar famílias e profissionais, o NUFABE desenvolveu diversas iniciativas de divulgação da ciência nos últimos anos. Foram produzidas cartilhas e vídeos educativos, além de ser promovido um curso on-line sobre mídias digitais e primeira infância, o “Bebês Conectados”, atividades das quais participei durante o doutorado. Houve uma grande procura por esse curso por parte de cuidadores e profissionais de saúde e educação, o que deixou muito evidente o quanto a temática do grupo de pesquisa era atual e relevante.

Em função de artigo publicado na *Infant Mental Health Journal* (Pedrotti et al., 2021), que obteve significativa repercussão, a professora Giana Frizzo recebeu o convite da editora Springer para editar um livro internacional, em formato de coletânea, sobre o tema das mídias digitais e primeira infância, para o qual contribuí, juntamente com a Professora Giana e as colegas Sofia Sebben, Gabriela Vescovi e Indianara Sehaparini, escrevendo um capítulo sobre o uso durante as rotinas de sono e alimentação da criança. As leituras necessárias à escrita desse capítulo contribuíram para a análise e discussão dos resultados desta tese, no que diz respeito ao lugar ocupado pelas mídias digitais enquanto um auxílio nas tarefas de cuidados físicos e emocionais da criança.

Como atividade avaliativa de uma das disciplinas curriculares do curso de doutorado, realizei, juntamente com a colega Mariana Farias Puccinelli e a professora Dra. Rita de Cássia Sobreira Lopes, uma pesquisa qualitativa que teve como objetivo compreender, com base na psicanálise, como o uso de telas na infância vem sendo abordado por especialistas em grupos de mães e pais no Facebook. Os resultados desse estudo foram publicados na Revista *Psicologia: Ciência e Profissão*, mostrando o papel da internet e dos especialistas na produção de discursos e na divulgação de informações sobre o tema (Puccinelli et al., 2023), uma constatação que, posteriormente, se mostrou alinhada aos resultados do presente trabalho.

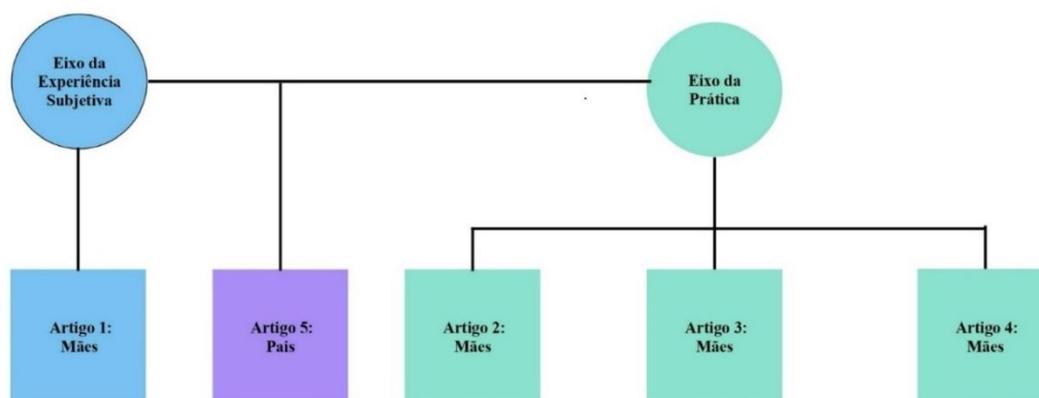
A partir de todas as reflexões suscitadas pelos estudos do NUFABE e pelas atividades nas quais estive envolvida durante o doutorado, foi construído o objetivo desta tese: compreender, a partir de uma perspectiva psicanalítica, as experiências subjetivas e práticas de mães e pais em relação às mídias digitais na primeira infância. Como fundamento teórico inicial, utilizou-se a abordagem à parentalidade proposta pelo psicanalista francês Houzel (2004), que será descrita posteriormente na seção de Introdução. Conforme foi avançando o processo de escrita do projeto e de análise dos dados, foram sendo integradas as contribuições de outros autores (Freud, 1914/2006; 1930/2006; Jerusalinsky, 2017a; 2017b; Winnicott, 1945/1993; 1960/1999; Zornig, 2010), de modo a costurar a teoria com os dados obtidos, originando cada um dos artigos que compõem a tese. A teoria do amadurecimento emocional de Donald Winnicott, especialmente, revelou-se potente por permitir compreender certas mudanças observadas, no presente trabalho, nas práticas maternas ao longo do desenvolvimento das crianças.

A tese é constituída por cinco artigos e sua estrutura geral pode ser visualizada na Figura 1. O Artigo 1 é referente ao eixo das experiências subjetivas maternas relacionadas às mídias digitais. Os Artigos 2, 3 e 4 dizem respeito ao eixo das práticas maternas relativas a esses dispositivos. O Artigo 2 versa especificamente sobre os lugares ocupados pelas mídias digitais

na maternidade, atentando para as necessidades das mães que são atendidas pelo uso desses dispositivos. O Artigo 3, por sua vez, discute as bases onde as mães fundamentam suas práticas relacionadas a essas novas tecnologias. Já o Artigo 4 aborda, sob uma perspectiva psicanalítica winnicottiana, os principais desafios enfrentados pelas mães em relação às mídias digitais ao longo da primeira infância. Por fim, o Artigo 5 reúne os resultados sobre as experiências subjetivas e práticas paternas relativas às mídias digitais na primeira infância durante a pandemia por COVID-19. Essa forma de organização dos resultados para publicação vem sendo preconizada e utilizada em estudos qualitativos, em virtude de sua amplitude e da abundância de dados (Levitt et al., 2018; Ogaki & Piccinini, 2023).

Figura 1.

Estrutura geral da tese



A seguir, será efetuada uma Introdução geral ao tema da tese. A revisão pormenorizada da literatura será realizada na seção de Introdução de cada um dos artigos, de acordo com seu foco. Na Discussão Geral, será apresentada uma síntese dos principais resultados obtidos a partir do conjunto de artigos, articulando-os e respondendo aos objetivos da tese. Serão abordadas, ainda, suas principais contribuições, limitações, implicações práticas e direções para futuras pesquisas na área.

Introdução

O uso de mídias digitais tornou-se um comportamento habitual entre crianças muito pequenas (Holloway et al., 2015) e atualmente faz parte integral das práticas parentais diárias e da criação dos filhos (Lev et al., 2018). No Brasil, estudo de Azevedo et al. (2022) realizado com 435 mães de bebês de 0 a 36 meses, de alta escolaridade, encontrou que quase todas as participantes possuíam smartphones e a maioria das famílias possuía laptops. As televisões permaneciam frequentemente ligadas em 43% das casas, mesmo que ninguém estivesse assistindo, e 54,5% dos bebês usavam computadores ou dispositivos móveis, como smartphones e tablets. Além disso, 33,6% das mães baixavam aplicativos para seus filhos em seus smartphones, sendo que 61,6% delas citaram especificamente o YouTube e a Netflix, e 32,9% relataram ter feito download de aplicativos com o objetivo de ensinar seus filhos.

A ampla presença das mídias digitais na rotina de bebês, crianças pequenas e suas famílias vem suscitando questionamentos e preocupações, principalmente devido aos resultados de estudos mostrando os riscos do uso nessa faixa etária para o desenvolvimento infantil (Rocha & Nunes, 2020). Nesse contexto, pesquisas vêm indicando que diferentes variáveis relacionadas à parentalidade podem contribuir para a ocorrência de um maior uso de mídias digitais na primeira infância, incluindo o nível de escolaridade dos pais, estilo parental, estresse, depressão materna e satisfação conjugal (Heller, 2021). O uso nessa faixa etária também é fortemente influenciado pelas atitudes parentais em relação às mídias digitais (Brito et al., 2017; Duch et al., 2013; Nikken & Schols, 2015). No entanto, frente às exigências da vida cotidiana, mesmo mães e pais com atitudes negativas em relação ao uso dessas novas tecnologias podem recorrer às mídias digitais como forma de encontrar alívio e lidar com os diversos tipos de pressão a que estão submetidos (Lev et al., 2018; Lev & Elias, 2020). Aqueles que sentem maior necessidade de usar mídias digitais com seus filhos podem acabar desenvolvendo uma atitude mais favorável em relação a essas tecnologias com o passar do

tempo, a qual é mais coerente com suas práticas parentais (Lev et al., 2018). Os pesquisadores também têm se dedicado a analisar os diferentes tipos de mediação parental do uso de mídias digitais na infância (Balleys, 2022; Clark, 2011; Nikken & Jansz, 2014; Livingstone & Helsper, 2008; Scott, 2021).

Observa-se que a maioria das investigações acerca do tema é transversal e quantitativa, sendo ainda poucos os estudos longitudinais, qualitativos (Lev et al., 2018; Lev & Elias, 2020) ou que enfocam a experiência subjetiva de mães e pais com relação a essas novas tecnologias (Bentley et al., 2016; Mallmann, & Frizzo, 2019; Radesky et al., 2016a). Percebe-se, ainda, que muitas investigações abarcam faixas etárias extensas (Brito et al., 2017; Jordan et al., 2006; Nikken & Schols, 2015), não abordando as significativas mudanças que ocorrem no desenvolvimento infantil ao longo dos primeiros anos de vida (Elias & Sulkin, 2019). É crucial compreender melhor esse fator, pois as necessidades da criança se alteram de acordo com seu processo de amadurecimento, com aquisições e novas habilidades afetando também a maneira como mães e pais se organizam para realizar as funções parentais de cuidado e educação de seus filhos (Sehn & Lopes, 2019). Estudos anteriores encontraram, nesse sentido, que a exposição às mídias digitais aumenta de acordo com a idade da criança, mas ainda não está claro se tal fato se deve apenas a aquisições decorrentes do desenvolvimento infantil ou se está relacionado a outros fatores, como alterações nas práticas parentais em relação a esses dispositivos ao longo do tempo (Azevedo et al., 2022; Rideout & Robb, 2020).

Além disso, na literatura ainda são poucos os estudos empíricos sobre parentalidade e mídias digitais na primeira infância que tomam como base teórica a psicanálise, embora esta possa se constituir como uma potente ferramenta teórica para pesquisas na área, a exemplo do trabalho de Mallmann et al. (in press), que investigaram indicativos da função de mãe suficientemente boa em interações mãe-bebê permeadas por essas novas tecnologias.

A abordagem ao tema da parentalidade proposta por Houzel (2004) também representa esse potencial da perspectiva teórica psicanalítica. Segundo o autor, as funções e papéis parentais vêm sendo reorganizados e denominados, desde a década de 80, sob a palavra parentalidade, como referência à ideia de que, para se tornar mãe e pai, não basta ter um filho, ser um genitor ou assim ser nomeado, sendo também necessário um processo psíquico, consciente e inconsciente (Houzel, 2004). Ele propõe três eixos em torno dos quais se organizam as funções parentais (exercício, experiência e prática), considerados ferramentas abrangentes para o estudo da parentalidade, os quais vêm sendo utilizados em pesquisas sobre o tema na área da Psicologia, com destaque para o eixo da experiência (Cherer et al., 2018; Houzel, 2004; Lopes et al., 2012; Silva, 2007). Este diz respeito à experiência subjetiva, tanto consciente quanto inconsciente, de se tornar mãe e pai e assumir papéis parentais, abrangendo o desejo pela criança, o processo de transição à parentalidade e as reorganizações psicológicas relacionadas aos papéis parentais (Houzel, 2004). Já a prática da parentalidade envolve as tarefas cotidianas de cuidados físicos e psíquicos da criança, incluindo as interações comportamentais e afetivas (que podem ser observadas em atividades de cuidados e brincadeiras), as interações fantasmáticas, que compreendem a dimensão inconsciente da relação entre pais e filhos e as interações simbólicas, que envolvem as transmissões entre gerações e inserem a criança em sua filiação (Houzel, 2004; Silva, 2007). Por fim, o exercício da parentalidade aproxima-se do sentido jurídico de exercício de um direito: trata-se de uma função que situa a pessoa em laços de parentesco e na legislação da sociedade em que vive, originando direitos e deveres e transpondo, portanto, a dimensão do indivíduo, de sua subjetividade e comportamentos (Houzel, 2004; Silva, 2007). A tese abarca dois dos três eixos da parentalidade propostos por Houzel (2004), a experiência subjetiva e a prática. O exercício da parentalidade, por exceder os objetivos do estudo, não foi investigado.

A parentalidade também é atravessada pela bidirecionalidade e transgeracionalidade envolvidas nas interações e relações entre pais e filhos. Como refere Zornig (2010), a forma como a parentalidade será exercida é determinada pela história infantil dos pais, por suas relações com seus próprios pais e pelas identificações feitas durante sua infância, além de ser influenciada pelas respostas e comportamentos do bebê.

Já a psicanalista Vera Iaconelli (2021) destaca os aspectos histórico-culturais da parentalidade, ao defini-la como “a produção de discursos e as condições oferecidas pela geração anterior para que uma nova geração se constitua subjetivamente em uma determinada época” (p. 17). Em relação aos aspectos sociais envolvidos na parentalidade, Dunker (2021) ressalta que discursos que idealizam a maternidade e a paternidade como a maior realização possível para o ser humano tornam-se um imperativo de como a parentalidade deve ser vivida, reproduzindo a desigualdade na divisão de tarefas, no tipo de reconhecimento social obtido e na exigência de perfeição. Nesse contexto, o sofrimento de mães e pais se intensifica por se sentirem menos adequados, eficientes e felizes do que deveriam, o que ocorre especialmente entre as mães, pois ainda circula entre os casais o mito de que esta é insubstituível nos cuidados com os filhos (Iaconelli, 2019).

Ao mesmo tempo, estudos mostram que ser pai, atualmente, envolve um afastamento dos modelos tradicionais, pois eles exercem a paternidade de modo diferente do que vivenciaram na relação com seus próprios pais, mostrando-se implicados emocionalmente, além de mais participativos e comprometidos com os filhos e nas tarefas domésticas (Trage & Donelli, 2020). Por outro lado, Santos e Zornig (2021) destacam que, embora os pais estejam mais envolvidos com o cuidado e a educação das crianças, a prática clínica demonstra que essa continua sendo uma responsabilidade principalmente das mães.

É importante, portanto, que pesquisas sobre parentalidade, mídias digitais e primeira infância atentem para a maior flexibilidade e intercambialidade de papéis que vêm sendo

observadas no exercício das funções parentais e documentadas na literatura, com maior envolvimento paterno nos cuidados com a criança (Campana & Gomes, 2019; Cherer et al., 2018). Ao mesmo tempo, não se pode negligenciar possíveis diferenças entre mães e pais na forma de interação e nas atividades que predominantemente realizam com os filhos (Cherer et al., 2018; Krob et al., 2009), e como essas se desdobram na sua relação com as mídias digitais.

Fatores contextuais, como o acesso a redes de apoio no cuidado à criança e estressores como a pandemia por COVID-19 também precisam ser considerados pelos pesquisadores. No contexto pandêmico, por exemplo, o tempo de uso de mídias digitais aumentou significativamente entre adultos e crianças de diferentes países (Candela et al., 2020; Pedrotti et al., 2021; Sun et al., 2020), com alterações sendo observadas também no padrão de uso desses dispositivos na primeira infância (Riter, 2021). Durante a pandemia no Brasil, Riter et al. (2021) encontraram altos índices de estresse percebido (92,2% da amostra acima do ponto de corte) e de sintomas de transtornos mentais comuns (46,6% acima do ponto de corte) entre mães e pais com filhos de até 3 anos de idade, dois fatores que vêm sendo associados a maior uso de mídias digitais na primeira infância (Bank et al., 2012; Cost et al, 2020). A perda da rede de apoio no cuidado à criança também foi significativa nesse estudo: 49,1% dos pais relataram a perda da creche durante a emergência de saúde pública, 47,4% ficaram sem a ajuda de familiares e amigos e 12,9% deixaram de contar com o auxílio de babás durante esse período (Riter et al., 2021). Os estudos sugerem, desse modo, que as mudanças no uso de mídias digitais na primeira infância ocorridas durante a pandemia estiveram relacionadas a uma maior necessidade dos pais de oferecerem esses dispositivos a seus filhos, devido às diversas demandas que recaíram sobre eles nesse período (Carroll et al., 2020; Pedrotti et al., 2021), mas essas alterações ainda necessitam ser melhor compreendidas.

Sendo assim, o objetivo desta tese foi compreender, a partir de uma perspectiva psicanalítica, as experiências subjetivas e práticas de mães e pais em relação às mídias digitais

na primeira infância. Para isso, quatro dos artigos que a compõem referem-se especificamente às mães, analisando as estabilidades e mudanças em suas experiências subjetivas e práticas ao longo da primeira infância de seus filhos, e antes e durante a pandemia por COVID-19. Desse modo, tanto aspectos relacionados ao desenvolvimento infantil quanto ao contexto pandêmico foram considerados. Um artigo adicional relata um estudo transversal, realizado apenas com pais, com o objetivo de investigar as experiências subjetivas e práticas paternas relativas às mídias digitais na primeira infância durante a pandemia por COVID-19. A seguir, serão apresentados os cinco artigos.

Artigo 1

Mídias Digitais: Fascínio, Horror e Mal-estar na Maternidade Contemporânea³

Resumo

A presença consistente das mídias digitais na rotina das famílias constitui um grande desafio à parentalidade contemporânea. Sendo assim, o objetivo do estudo foi compreender, com base na psicanálise, as experiências subjetivas maternas no que tange às mídias digitais ao longo da primeira infância, antes e durante a pandemia da COVID-19. A partir da análise temática reflexiva de entrevistas com 22 mães, encontrou-se que as participantes experienciam as mídias digitais de modo ambivalente, com um misto de fascínio e horror, com algumas delas demonstrando uma atitude mais favorável às telas com o passar do tempo. Os resultados também sugerem que o uso de mídias digitais provoca mal-estar devido a discursos sociais – incluindo o dos especialistas - que desaconselham a exposição de crianças pequenas às telas. Apesar disso, algumas participantes questionaram os imperativos sociais de maternidade e de infância ideais, refletindo sobre as particularidades de sua realidade de vida. Conclui-se que é importante proporcionar espaços de escuta em que as mães reflitam a respeito da experiência da maternidade e sobre diferentes formas de criá-la e vivenciá-la no tocante às mídias digitais na primeira infância.

Palavras-chave: maternidade; mídias digitais; primeira infância; psicanálise; COVID-19

³ Artigo submetido a periódico científico para publicação. Para evitar autoplágio ele não estará disponibilizado na íntegra nesta tese.

Abstract

The consistent presence of digital media in families' routines constitutes a major challenge to contemporary parenting. Therefore, the objective of the study was to understand, based on psychoanalysis, the subjective experiences of mothers about digital media throughout early childhood, before and during COVID-19 pandemic. Based on reflexive thematic analysis of interviews with 22 mothers, it was found that the participants experience digital media in an ambivalent way, with a mixture of fascination and horror, with some of them demonstrating a more favorable attitude towards screens over time. The results also suggest that the use of digital media causes discomfort due to social discourses – including that of specialists – that advise against exposing young children to screens. Despite this, some participants questioned the social imperatives of ideal motherhood and childhood, reflecting on the particularities of their life reality. It is concluded that it is important to provide listening spaces in which mothers reflect on the experience of motherhood and on different ways of creating and experiencing it regarding digital media in early childhood.

Keywords: maternity; digital media; early childhood; psychoanalysis; COVID-19

Artigo 2

O que há por trás das telas? Mídias digitais e maternidade⁴

Resumo

Fundamentando-se na perspectiva psicanalítica, o objetivo deste estudo longitudinal e qualitativo foi compreender as práticas maternas em relação às mídias digitais ao longo da primeira infância, antes e durante a pandemia por COVID-19. Participaram 22 mães que tinham filhos entre 5 e 33 meses de idade na primeira etapa da pesquisa e entre 32 e 60 meses na segunda fase. A partir de análise temática reflexiva de entrevistas semiestruturadas, encontrou-se que as telas assumiram diferentes funções na maternidade. O lugar de substitutas temporárias de cuidadores foi ampliado durante a pandemia, enquanto o lugar de auxílio nas tarefas de cuidados da criança foi mais enfatizado na primeira coleta. Não se observaram mudanças expressivas em relação ao lugar de escape em momentos de sobrecarga emocional. O uso de telas esteve associado à necessidade de adaptação materna a mudanças decorrentes do desenvolvimento infantil. A intervenção na primeira infância, com atenção às necessidades das mães, é uma das implicações práticas do estudo.

Palavras-chave: maternidade; mídias digitais; primeira infância; psicanálise; COVID-19

⁴ Artigo submetido a periódico científico para publicação. Para evitar autoplágio ele não estará disponibilizado na íntegra nesta tese.

Abstract

Based on the psychoanalytic perspective, the objective of this longitudinal and qualitative study was to understand mothers' digital media practices throughout early childhood, before and during COVID-19 pandemic. Participants were 22 mothers who had children aged between 5 and 33 months in the first stage of the research and between 32 and 60 months in the second stage. From a reflexive thematic analysis of semi-structured interviews, it was found that digital media assumed different functions in motherhood. The place of temporary caregiver substitutes was expanded during the pandemic, while the place of assistance in childcare tasks was more emphasized in the first stage of the research. No expressive changes were observed in relation to the place of escape in moments of emotional overload. Digital media use was associated with maternal need of adaptation to child development. Early childhood intervention, with attention to the mothers' needs, is one of the practical implications of the study.

Keywords: motherhood; digital media; early childhood; psychoanalysis; COVID-19

Artigo 3

Mídias digitais na primeira infância: uma análise qualitativa e longitudinal dos fundamentos das práticas maternas⁵

Resumo

Na primeira infância, os cuidadores exercem um papel essencial na relação que as crianças estabelecem com as mídias digitais, mas é necessário compreender melhor os fundamentos de suas práticas relativas a esse tópico. Fundamentos das práticas maternas são as bases essenciais que orientam as ações e comportamentos das mães nas tarefas de cuidado da criança envolvendo mídias digitais. O objetivo deste estudo longitudinal foi analisar esses fundamentos, suas estabilidades e mudanças ao longo da primeira infância, antes e durante a pandemia por COVID-19. Participaram 22 mães com filhos entre 5 e 33 meses de idade na etapa 1 do estudo (pré-pandemia) e entre 32 e 60 meses na etapa 2 (durante a pandemia). A partir de análise temática reflexiva de entrevistas semiestruturadas sobre uso de mídias digitais na família, foram construídos quatro temas: “Informações sobre uso de mídias digitais na infância”, “busca por alternativas às mídias digitais”, “reações e comportamentos do bebê/criança” e “vivências da própria infância”. Embora esses fundamentos tenham se mantido os mesmos nas duas etapas, observaram-se algumas alterações nas práticas maternas, relacionadas ao desenvolvimento infantil e a mudanças nas provisões ambientais na pandemia. Os resultados sugerem que as práticas maternas relacionadas às mídias digitais são construídas em um processo autoral, ativo e dinâmico. As implicações práticas incluem aprimorar o suporte

⁵ Artigo já publicado na revista *Psicologia Argumento*: Marques, F. M., & Frizzo, G. B. (2024). Mídias digitais na primeira infância: Uma análise qualitativa e longitudinal dos fundamentos das práticas maternas. *Psicologia Argumento*, 42(116), 99-130. <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.42.116.AO05>

individualizado às mães por profissionais de saúde e escolas, fortalecer a rede de apoio no cuidado à criança e ampliar as opções de lazer das famílias.

Palavras-chave: cuidados parentais; desenvolvimento infantil; mídias digitais; pandemia por COVID-19

Abstract

In early childhood, caregivers play an essential role in the relationship that children establish with digital media, but it is necessary to better understand the foundations of their practices regarding this topic. Foundations of maternal practices are the essential bases that guide mothers' actions and behaviors in childcare tasks involving digital media. The objective of this longitudinal study was to analyze these foundations, their stability, and changes throughout early childhood, before and during the COVID-19 pandemic. Participants included 22 mothers with children aged 5 to 33 months in stage 1 of the study (pre-pandemic), and 32 to 60 months in stage 2 (during the pandemic). Reflexive thematic analysis of semi-structured interviews about the use of digital media in the family resulted in the construction of four themes: "Information on digital media use in childhood", "seeking alternatives to digital media", "baby/child reactions and behavior", and "mothers' childhood experiences". While the foundations remained consistent, some changes in maternal practices were observed, influenced by child development and the pandemic-related environmental shifts. Results suggest that maternal practices related to digital media are built through an authorial, active, and dynamic process. Practical implications involve improving individualized support from healthcare professionals and schools for mothers, strengthening childcare support, and expanding family leisure options.

Keywords: parental care; child development; digital media; COVID-19 pandemic

Artigo 4

“A gente se sente E.T.”:

Desafios das mídias digitais às funções parentais na primeira infância⁶

Resumo

Atualmente as crianças crescem em ambientes permeados pelas mídias digitais, o que traz novos desafios aos cuidadores. O objetivo deste estudo longitudinal foi compreender os principais desafios das mídias digitais às funções parentais na primeira infância, antes e durante a pandemia por Covid-19. Vinte e duas mães de crianças nessa faixa etária participaram, respondendo entrevistas sobre uso de mídias digitais na família em duas etapas de coleta de dados. Análise temática reflexiva das entrevistas demonstrou que os principais desafios encontrados pelas mães foram cuidar e educar os filhos para o uso de mídias digitais e lidar com essas tecnologias diante da inserção da criança no campo social. Estabilidades e mudanças entre as duas etapas do estudo foram discutidas com base na teoria do amadurecimento de Winnicott. Observou-se que as mães foram inserindo o “não” de acordo com a capacidade de compreensão e o desenvolvimento das crianças. A pandemia introduziu desafios adicionais aos que já eram esperados em decorrência do processo de amadurecimento infantil. Sugere-se aprimorar orientações e intervenções sobre o tema, considerando o processo de amadurecimento da criança, possíveis estressores ambientais e a conscientização de diferentes cuidadores, com maior responsabilização coletiva sobre o uso de mídias digitais nessa faixa etária.

Palavras-chave: Mídias digitais. Funções parentais. Primeira infância. Psicanálise. Pandemia por Covid-19.

⁶ Artigo submetido a periódico científico para publicação. Para evitar autoplágio ele não estará disponibilizado na íntegra nesta tese.

Abstract

Nowadays, children grow up in environments permeated by digital media, which brings new challenges to caregivers. The objective of this longitudinal study was to understand the main challenges that digital media present to parental functions in early childhood, before and during the Covid-19 pandemic. Twenty-two mothers of children in this age group participated, responding to interviews regarding family digital media use across two data collection stages. Reflexive thematic analysis of the interviews demonstrated that the main challenges faced by mothers were taking care of and educating their children about the use of digital media and dealing with these technologies as the child's insertion in the social field expanded. Stabilities and changes between the two stages of the study were discussed based on Winnicott's theory of maturation. It was observed that the mothers introduced the "no" according to the children's development and capacity for understanding. The pandemic introduced additional challenges to those already expected due to the child's maturation process. Practical implications include improving guidelines and interventions on the topic, considering the child's maturation process, possible environmental stressors, and the awareness of different caregivers, with greater collective responsibility for using digital media in this age group.

Keywords: Digital media. Parental functions. Early childhood. Psychoanalysis. Covid-19 pandemic.

Artigo 5

Experiências subjetivas e práticas paternas relativas às mídias digitais na primeira infância no contexto da pandemia por COVID-19⁷

Resumo

Este estudo qualitativo investigou as experiências subjetivas e práticas paternas relativas às mídias digitais na primeira infância durante a pandemia por COVID-19. Análise temática de entrevistas semiestruturadas com sete pais de crianças entre 32 e 48 meses indicou ambivalência e mal-estar com relação às mídias digitais. As práticas paternas se basearam em diferentes fundamentos, como informações sobre uso de mídias digitais na infância e priorização de atividades fora das telas. As mídias digitais funcionaram como substitutas e auxiliares das tarefas parentais de cuidado da criança, mas também apresentaram desafios, como a educação da criança sobre seu uso e lidar com práticas diferentes das paternas. Conclui-se que, embora as experiências subjetivas e práticas dos pais se assemelhem às das mães, algumas diferenças de gênero não podem ser ignoradas. Sugere-se um maior envolvimento dos pais em pesquisas e intervenções relacionadas ao uso de mídias digitais na primeira infância.

Palavras-chave: paternidade; cuidados parentais; mídias digitais; pandemia por COVID-19

⁷ Artigo submetido a periódico científico para publicação. Para evitar autoplágio ele não estará disponibilizado na íntegra nesta tese.

Abstract

This qualitative study examined fathers' subjective experiences and practices concerning digital media during early childhood in the context of the COVID-19 pandemic. Thematic analysis of semi-structured interviews with seven fathers of children aged 32 to 48 months revealed ambivalence and discomfort regarding digital media. Paternal practices were informed by various factors, including information on digital media use in early childhood and the prioritization of non-screen activities. Digital media served as substitutes and aids in parental caregiving tasks but also presented challenges such as educating the child on their use and handling differing practices. It is concluded that while fathers' subjective experiences and practices resembled those of mothers, certain gender differences cannot be overlooked. The study suggests greater involvement of fathers in research and interventions related to digital media use during early childhood.

Keywords: paternity; parental care; digital media; COVID-19 pandemic

Discussão Geral

O objetivo desta tese foi compreender, a partir de uma perspectiva psicanalítica, as experiências subjetivas e práticas de mães e pais em relação às mídias digitais na primeira infância. No caso das mães, por se tratar de um estudo longitudinal, foram analisadas as estabilidades e mudanças em suas experiências subjetivas e práticas ao longo da primeira infância de seus filhos, e antes e durante a pandemia por COVID-19. Já no caso dos pais, por se tratar de um estudo transversal, a investigação dessas questões se restringiu ao contexto da pandemia.

A realização da tese permitiu ampliar a faixa etária abarcada pelo estudo guarda-chuva do NUFABE intitulado “Os bebês, as famílias e o uso de tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil”, incluindo crianças de até 60 meses e, desse modo, contemplando a quase totalidade da primeira infância, etapa que abrange os 72 meses iniciais de vida da criança, conforme o Marco Legal para a Primeira Infância (Brasil, 2016). O foco nessa faixa etária tem importância por se tratar de um período essencial à formação de hábitos e à constituição psíquica, bases do desenvolvimento posterior (Núcleo Ciência pela Infância, 2021; Winnicott, 1964/2006).

Em relação aos principais resultados da tese, o Artigo 1 mostrou que as experiências subjetivas maternas em relação às mídias digitais caracterizaram-se pela ambivalência, com um misto de fascínio e horror, sendo que algumas participantes se mostraram mais favoráveis a esses dispositivos com o passar do tempo. Essa mudança pode estar relacionada ao desenvolvimento infantil, pois na Etapa 2 do estudo aumentou o número de mães que percebiam vantagens no uso de mídias digitais pelas crianças, especialmente em função do potencial educativo dessas ferramentas. A mudança em direção a uma atitude mais favorável também pode ter relação com o contexto da pandemia, quando as mídias digitais se tornaram cruciais nas famílias para a manutenção de laços sociais e a realização de diferentes atividades. Além disso, conforme discutido em estudos anteriores, mães e pais que percebem uma maior

necessidade de utilizar mídias digitais com seus filhos tendem a desenvolver ao longo do tempo uma atitude mais favorável em relação a essas tecnologias, a qual está mais alinhada com suas práticas parentais (Lev et al., 2018). Os resultados do Artigo 1 também indicaram que o uso de mídias digitais era motivo de mal-estar entre a maior parte das mães, devido a discursos sociais, incluindo conselhos contrários à exposição de crianças pequenas a telas, emitidos tanto por especialistas quanto pela sociedade em geral. Ao mesmo tempo, algumas participantes questionaram as normas sociais relacionadas à maternidade e à infância ideais no que diz respeito ao uso de mídias digitais, refletindo sobre as particularidades de suas realidades de vida.

O Artigo 2 aprofundou a compreensão acerca dessas realidades de vida das participantes, mostrando que as mídias digitais assumiram diferentes funções na maternidade e foram utilizadas ao longo do tempo para atender às necessidades prioritárias das mães em diferentes momentos. Na Etapa 1 do estudo, realizada em um período de maior dependência dos bebês e crianças, as mídias digitais foram mais enfatizadas pelas mães como um auxílio nas tarefas de cuidados infantis. Elas foram usadas como apoio por algumas mães para lidar com diversas mudanças associadas ao desenvolvimento infantil, como a introdução alimentar, o aumento da mobilidade e a luta pela independência. Durante a pandemia, quando as mães enfrentaram a perda de sua rede de apoio e ficaram sobrecarregadas com múltiplas responsabilidades, as mídias digitais assumiram um lugar mais proeminente, no discurso das participantes, como substitutas temporárias de cuidadores. Embora não tenham sido observadas mudanças expressivas no uso das mídias digitais como uma forma de escape em momentos de sobrecarga emocional materna, essa função permaneceu constante nos relatos de parte das mães ao longo das duas etapas do estudo, embora com menos destaque em comparação com os outros papéis desempenhados por esses dispositivos na maternidade.

Já o Artigo 3 (Marques & Frizzo, 2024) mostrou que as práticas maternas relacionadas às mídias digitais foram construídas de modo autoral, ativo e dinâmico, tendo como fundamentos tanto aspectos objetivos (como as informações sobre uso de mídias digitais na infância a que as mães tinham acesso e a prioridade dada a atividades que não envolvessem o uso de mídias digitais) quanto fatores subjetivos e relacionais (como as reações e comportamentos do bebê/criança e as vivências da própria infância das mães). Embora esses fundamentos tenham se mantido os mesmos entre as duas coletas, os resultados indicaram algumas mudanças nas práticas maternas, que estiveram relacionadas tanto ao desenvolvimento infantil quanto ao contexto da pandemia.

O Artigo 4, por sua vez, baseou-se na teoria do amadurecimento de Winnicott para mostrar como as participantes adaptaram suas práticas ao longo do tempo, de modo a enfrentar os desafios de cuidar e educar seus filhos para o uso de mídias digitais, e de gerenciar a utilização desses dispositivos à medida que a presença da criança no contexto social se tomou mais significativa. Os resultados indicaram que as mães foram inserindo o “não” (e o “sim”) relativo ao uso de mídias digitais de acordo com a capacidade de compreensão e o amadurecimento das crianças. A pandemia, por sua vez, introduziu desafios adicionais aos que já eram esperados em decorrência do processo de desenvolvimento infantil. Esse artigo também sugeriu a importância da conscientização de diferentes cuidadores e instâncias sociais sobre o uso de mídias digitais na primeira infância, com maior responsabilização coletiva por esse cuidado.

Por fim, o Artigo 5 apresentou dados sobre as experiências subjetivas e práticas paternas durante a pandemia por COVID-19. Os pais demonstraram participação e envolvimento no cuidado das crianças, embora alguns deles tenham relatado que sua maior disponibilidade para os filhos e a vida familiar tenha sido oportunizada por mudanças em sua dinâmica de trabalho durante a pandemia. Em relação às experiências subjetivas, todos os pais expressaram

ambivalência com as mídias digitais, e alguns manifestaram (principalmente de forma implícita) mal-estar com o uso feito por seus filhos. Suas práticas, por sua vez, foram fundamentadas em diversos aspectos, como informações sobre o uso de mídias digitais por crianças, preferência por atividades não digitais, reações e comportamentos das crianças diante desses dispositivos, e vivências da própria infância dos pais. As mídias digitais assumiram diferentes lugares nas práticas paternas, funcionando como substitutas temporárias de cuidadores e auxiliando nas tarefas relacionadas ao cuidado infantil. No entanto, também apresentaram desafios, como cuidar e educar os filhos para o uso desses dispositivos, além de lidar com práticas de outros cuidadores, que poderiam diferir das suas. Embora as experiências subjetivas e práticas dos pais tenham sido semelhantes às das mães, foram observadas algumas diferenças de gênero, como o papel predominante das mães na busca por informações e orientações sobre o tema, enquanto os pais assumiram, de modo geral, um lugar auxiliar, colocando em prática essas recomendações.

Ao analisar os cinco artigos em conjunto, os resultados demonstraram tanto consistências quanto discrepâncias entre as experiências subjetivas e as práticas parentais relacionadas às mídias digitais. Por exemplo, a maioria dos participantes identificou vantagens no uso desses dispositivos por permitirem que eles se liberassem do cuidado à criança para se dedicarem a outras atividades. Em consonância com essa experiência subjetiva, muitos participantes adotavam a prática de fornecer mídias digitais às crianças para atender a essa necessidade. Durante a pandemia, em particular, o uso das mídias digitais pela criança para permitir que os adultos trabalhassem ganhou destaque. Da mesma forma, o fascínio pelas mídias digitais como promotoras da aprendizagem infantil se refletiu no uso intencional desses dispositivos com essa finalidade. Entre as mães, isso ocorreu especialmente durante a Etapa 2 do estudo, quando as crianças estavam mais amadurecidas. Essa utilização como ferramenta de promoção da aprendizagem também demonstra que as mídias digitais foram empregadas

por mães e pais não apenas para seu próprio benefício, mas também em prol do desenvolvimento das crianças.

Por outro lado, os resultados indicaram que a experiência subjetiva e as intenções de mães e pais em relação ao uso de mídias digitais podem seguir uma determinada direção (como o horror pelos possíveis prejuízos para as crianças, o desejo de restringir o uso, promover outras atividades e priorizar conteúdo educativo), mas a realidade impõe-se com certas necessidades que precisam ser atendidas e com desafios à concretização dessas intenções. Fatores como demandas profissionais e domésticas, escolhas e preferências dos filhos em relação ao conteúdo acessado nas mídias digitais, práticas de outros cuidadores, diferentes das suas, além da falta de uma rede de apoio no cuidado à criança, contribuíram para que mães e pais flexibilizassem o uso desses dispositivos, principalmente durante a pandemia, mesmo que, de modo geral, não concordassem com essa prática. Por outro lado, em situações em que as famílias tiveram acesso a escolas, babás, atividades extracurriculares, espaços amplos e abertos e contato com a natureza durante a pandemia, foi possível adotar práticas mais alinhadas com a intenção parental de não expor excessivamente os filhos às mídias digitais. Assim, a pandemia funcionou como uma lente de aumento, evidenciando como a falta de acesso a condições adequadas para o cuidado das crianças pode estar relacionada a um acréscimo no uso de mídias digitais.

Embora tenham apontado dificuldades práticas para restringir o uso desses dispositivos, os participantes – especialmente as mães - expressaram em seus relatos um ideal de primeira infância desvinculado do uso de mídias digitais. Este ideal, por sua vez, engendra um modelo de figura parental que não recorre a essas ferramentas. A tentativa de atingir esses ideais, e o mal-estar vivenciado ao se desviar deles, pareceram afetar as mães de forma mais significativa do que os pais, gerando maior carga mental e emocional sobre elas, e reproduzindo papéis de

gênero que tradicionalmente atribuem às mulheres a responsabilidade primária pelo cuidado, educação e desenvolvimento das crianças.

Uma das contribuições originais desta tese reside na descrição detalhada do “como” as experiências subjetivas e práticas parentais, além do uso de mídias digitais, evoluíram ao longo do tempo e durante a pandemia nas famílias participantes. A análise qualitativa aprofundada das entrevistas demonstrou as complexas e mutáveis dinâmicas envolvendo a experiência subjetiva parental com as mídias digitais, os discursos sociais e ideais relacionados ao tema, as bases nas quais mães e pais fundamentam suas práticas, as necessidades maternas e paternas atendidas por esses dispositivos, além do papel do desenvolvimento infantil e o impacto adicional de um estressor significativo, como foi a pandemia.

Além disso, a tese trouxe uma contribuição ao campo de estudos ao introduzir uma leitura dos resultados sob a ótica da psicanálise, uma abordagem teórica ainda pouco explorada em estudos empíricos sobre o tema. Esse enfoque proporcionou *insights* sobre aspectos subjetivos envolvidos na parentalidade e sobre o processo de amadurecimento infantil, destacando o potencial dessa perspectiva teórica para a compreensão do uso de mídias digitais ao longo da primeira infância.

Ademais, ao incluir um estudo específico com os pais, a tese acrescentou dados e reflexões pertinentes sobre os marcadores de gênero que podem influenciar as experiências subjetivas e práticas parentais relacionadas às mídias digitais na primeira infância. Embora a perspectiva das mães se sobressaia nas pesquisas, ofertar espaços de participação aos pais é fundamental, pois traz uma oportunidade valiosa para que suas vivências ganhem evidência e sejam consideradas no contexto do cuidado das crianças. Escutá-los e proporcionar este espaço de participação não apenas aprimora o entendimento sobre parentalidade e uso de mídias digitais na primeira infância, mas também demonstra uma valorização de seu papel fundamental enquanto cuidadores e ambiente facilitador do desenvolvimento de seus filhos.

Embora reconheça-se que pode ser desafiador acessar os pais e incentivá-los a participar dos estudos, entende-se que seu envolvimento é essencial para uma visão mais abrangente das experiências das crianças com as mídias digitais. Ao integrar a perspectiva paterna nos estudos, valoriza-se um ambiente de cuidado colaborativo e busca-se contribuir na construção de práticas e políticas promotoras do desenvolvimento infantil.

Uma limitação metodológica desta tese foi a utilização exclusivamente de entrevistas como meio de acesso às experiências subjetivas e práticas parentais, sem servir-se de outros instrumentos de coleta de dados para triangulação. Além disso, cabe destacar que a entrevista realizada na Etapa 2 do estudo com as mães apresentava uma série de perguntas adicionais em comparação com a entrevista adotada na Etapa 1, o que pode ter impactado nos resultados obtidos. Entretanto, tal abordagem se fez necessária para investigar as transformações ocorridas em virtude da pandemia e do desenvolvimento infantil, ao mesmo tempo em que permitiu um aprofundamento no entendimento da questão de pesquisa. Outra limitação, já discutida nos artigos, diz respeito à possibilidade de as respostas fornecidas por mães e pais refletirem um viés socialmente desejável em relação às suas práticas parentais, dada a familiaridade de muitos deles com as recomendações pediátricas sobre o uso de mídias digitais na infância. O contexto do estudo, pertencente à área da Psicologia, e o fato de que as entrevistadoras eram psicólogas, também podem ter influenciado na tendência dessas respostas socialmente desejáveis.

Um fator limitador adicional é a falta de representatividade da amostra em relação à diversidade da população brasileira. Os participantes, em sua maioria, eram brancos, possuíam níveis elevados de escolaridade e pertenciam a faixas de renda média a alta. Outrossim, a maior parte das mães e dos pais que participaram do estudo possuía apenas um filho. Além disso, a maioria exercia atividades profissionais remuneradas, era casada ou vivia com companheiros e residia em capitais e regiões metropolitanas do sul e do sudeste do Brasil. A realização da coleta de dados on-line provavelmente contribuiu para essa caracterização da amostra.

Considerando as restrições mencionadas, uma linha de investigação futura é a inclusão de uma amostra diversificada em termos sociodemográficos, bem como a ampliação das pesquisas para incluir agentes adicionais de cuidado infantil, como instituições de ensino, outros cuidadores e membros familiares, dado que as práticas desses podem se diferenciar daquelas observadas entre mães e pais em relação ao engajamento das crianças com as mídias digitais. Além disso, é necessário continuar a explorar e aprofundar a perspectiva paterna em relação ao uso desses dispositivos na fase inicial do desenvolvimento infantil, com o objetivo de identificar semelhanças e disparidades em comparação com as experiências e práticas maternas, como indicam certos resultados desta tese. Adicionalmente, os estudos poderiam direcionar sua atenção para a dinâmica de coparentalidade no contexto do uso de mídias digitais na primeira infância, dado que alguns resultados desta investigação sugerem uma maior carga mental e emocional materna.

Futuras pesquisas podem direcionar maior atenção ao protagonismo das crianças e aos efeitos do desenvolvimento infantil no uso das mídias digitais durante a primeira infância. Nesse sentido, é pertinente destacar que, na primeira fase do estudo conduzido com as mães, os resultados apontaram para a influência das reações e comportamentos infantis nas práticas maternas, embora as mães ainda exercessem maior controle sobre o uso. Já na Etapa 2, observou-se um papel mais proeminente das crianças, evidenciado pela manifestação de resistência a imposições de regras, limites e conteúdos estipulados pelas mães. Esses resultados revelam uma autonomia infantil na tomada de decisões que, em muitos casos, contrariava as intenções e diretrizes maternas relacionadas ao uso de mídias digitais.

Além disso, é recomendável realizar a triangulação dos dados provenientes de entrevistas com aqueles acessados por meio de outros instrumentos de coleta, tais como escalas, observações naturalísticas e aplicativos de monitoramento do uso de dispositivos digitais. Os resultados ainda apontam para a relevância de se contemplar a complexidade inerente ao tema,

levando em consideração a variedade de papéis assumidos pelas mídias digitais nas famílias, as necessidades de mães e pais que são atendidas por esses dispositivos, as sutilezas qualitativas e subjetivas das práticas parentais e as transformações que ocorrem ao longo do desenvolvimento infantil em relação às habilidades, interesses e autonomia das crianças.

Uma perspectiva adicional para futuras pesquisas é adotar um delineamento de estudos de caso, visto que em diversas vinhetas foi possível observar detalhes singulares de cada dupla mãe-criança e pai-criança, além da autoria presente nas práticas parentais relacionadas às mídias digitais. Além disso, outra linha de investigação para estudos futuros consiste em analisar se houve alterações nas experiências subjetivas parentais em relação ao uso de mídias digitais após o período pandêmico, bem como se mães e pais conseguiram reverter os padrões de uso excessivo observados em seus filhos durante o contexto de emergência de saúde pública.

Além disso, a rápida evolução da inteligência artificial trará novos desafios em relação ao uso de mídias digitais pelas crianças, constituindo-se como um importante foco de investigações futuras. À medida em que a inteligência artificial for integrada a diversas situações da vida cotidiana, questões relacionadas a privacidade, segurança e desenvolvimento infantil emergirão, requerendo análises e debates amplos e constantes entre pesquisadores, profissionais de saúde, educadores, famílias, empresas de tecnologia e formuladores de políticas públicas. Compreender os desdobramentos da inteligência artificial no uso de mídias digitais será fundamental para garantir que essas novas tecnologias sejam empregadas de maneira responsável, protegendo os direitos das crianças e o desenvolvimento das novas gerações em uma sociedade digital em constante transformação.

Em termos de implicações práticas derivadas deste estudo, sobressai-se a importância de promover espaços de escuta, reflexão e orientação individualizada a mães e pais no que concerne ao uso de mídias digitais na primeira infância. Esses espaços precisam considerar as particularidades de cada caso e os lugares ocupados por esses dispositivos dentro das dinâmicas

familiares. Uma abordagem para intervenções e orientações nessa área é reconhecer, autorizar e promover o saber parental acerca de seus próprios filhos, priorizando o desenvolvimento da sensibilidade parental em relação às reações, comportamentos, necessidades e competências das crianças ao interagirem com as mídias digitais. Os resultados do estudo longitudinal realizado com as mães evidenciaram que algumas delas passaram a reforçar ou estabelecer hábitos e regras de uso ao observarem o comportamento agitado ou agressivo dos filhos diante desses dispositivos. Além disso, foi observada uma propensão materna a ajustar suas abordagens em relação às mídias digitais de acordo com os ritmos, preferências, habilidades e necessidades individuais da criança conforme o estágio de seu amadurecimento emocional. Caso os cuidadores não estejam sensíveis a esses aspectos, o uso de mídias digitais pelas crianças pode tornar-se invasivo, seja devido a uma sobrecarga de estímulos que não esteja em sintonia com o estágio do amadurecimento, seja por falta de atenção ao ritmo individual da criança, sua capacidade de concentração ou de compreensão, ou ainda devido ao cansaço ou à falta de interesse demonstrados pela criança em relação a esses dispositivos.

Os resultados sugerem, ademais, que as intervenções busquem promover o resgate da autoria, da criatividade, da autenticidade, do brincar e das vivências da própria infância por parte de mães e pais. Isso poderia permitir que eles, a partir dessas bases, buscassem alternativas às telas para atender às suas necessidades cotidianas, otimizassem as oportunidades de interagir com seus filhos prescindindo das mídias digitais, ou ainda, que as utilizassem em conjunto com as crianças para propósitos educativos e de lazer. Os resultados também sugerem que as intervenções considerem possíveis diferenças de gênero, buscando engajar mais os pais, desse modo valorizando seu papel enquanto ambiente facilitador do desenvolvimento infantil e contribuindo para uma distribuição mais equitativa da carga mental e emocional associada ao cuidado e à educação das crianças no uso das mídias digitais.

Apesar do papel crucial exercido por mães e pais, os dados também indicaram a necessidade de uma compreensão mais abrangente do uso de mídias digitais na primeira infância, considerando sua interface com os valores e o estilo de vida contemporâneos. Os resultados evidenciaram os desafios enfrentados pelas figuras parentais para evitar o uso pela criança ou promover uma interação saudável com as mídias digitais. Estes desafios surgem em meio à naturalização do uso nessa faixa etária na sociedade, às novas formas de organização do trabalho, à escassez de suporte no cuidado infantil e à carência de regulamentação sobre o conteúdo destinado a crianças na internet, com o consequente risco de exposição a material inadequado para a idade e à publicidade direcionada às crianças, muitas vezes dissimulada. Portanto, é necessário transcender a abordagem individualizante que atribui exclusivamente a mães e pais o papel de cuidar, educar e regular o uso de mídias digitais durante a primeira infância, fortalecendo a responsabilização coletiva em relação a esse assunto, e envolvendo outros cuidadores e esferas sociais, como escolas, desenvolvedores de aplicativos e diferentes esferas do setor público.

À guisa de conclusão, cabe resgatar o seguinte ponto, levantado por uma das mães participantes do estudo: *“Então eu acho que a questão da tela não é a tela em si, é o por trás da tela, né... A lacuna que ela tá tapando”* (Caso 12). No que tange especificamente à parentalidade, os resultados do estudo indicam algumas lacunas que podem estar sendo supridas pelas mídias digitais: a ausência de uma rede de apoio consistente no cuidado das crianças, a sobrecarga de mães e pais com múltiplas demandas, as disparidades de gênero na distribuição das tarefas de cuidado, a exigência de ajustes parentais diante das transformações decorrentes do amadurecimento infantil, que podem se tornar desafiadoras em várias circunstâncias, a carência de opções de lazer para as famílias, e a necessidade de se pensar coletivamente sobre o cuidado das crianças na sociedade contemporânea.

Referências

- American Academy of Pediatrics, Council on Communications and Media. (2016). Media and young minds. *Pediatrics*, *138*(5), 1-8. <https://doi.org/10.1542/peds.2016-2591>
- American Academy of Pediatrics (2009). *Temper tantrums: A normal part of growing up*. <https://www.heardalliance.org/wp-content/uploads/2011/04/Parenting-Temper-Tantrums.pdf>
- American Psychological Association. (2019). Digital media. *Thesaurus of psychological index terms*. <https://psycnet-apa.ez45.periodicos.capes.gov.br/thesaurus/item?term=digital%20media>
- Anderson, D. R., & Hanson, K. (2013). What researchers have learned about toddlers and television. *Zero to three*, *33*(4) 4-10. https://www.researchgate.net/publication/287195548_What_Researchers_have_learned_about_toddlers_and_television
- Azevedo, E. C., Riter, H. S., Pieta, M. A. M., & Frizzo, G. B. (2022). Digital media use on interactions between mother and child: Differences in infants' early years. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, *32*, <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3210>
- Balleys, C. (2022). Familial digital mediation as a gendered issue between parents. *Media, Culture & Society*, *44*(8), 1559-1575. <https://doi.org/10.1177/01634437221119020>
- Bank, A. M., Barr, R., Calvert, S. L., Parrott, W. G., McDonough, S. C., & Rosenblum, K. (2012). Maternal depression and family media use: A questionnaire and diary analysis. *Journal of Child and Family Studies*, *21*, 208–216. <https://doi.org/10.1007/s10826-011-9464-1>
- Barroso, H. C., & Gama, M. S. B. (2020). A crise tem rosto de mulher: Como as desigualdades de gênero particularizam os efeitos da pandemia do COVID-19 para as

mulheres no Brasil. *Revista do CEAM*, 6(1), 84-94.

<https://doi.org/10.5281/zenodo.3953300>

- Bassols, A. M. S., Dieder, A. L., Czekster, M. V., & Pereira, M. P. (2013). A criança pré-escolar. In C. L. Eizirik & A. M. S. Bassols, (Orgs.), *O ciclo da vida humana: Uma perspectiva psicodinâmica* (pp. 127-141). Artmed
- Becker, D., & Donelli, T. (2022). Impressões de pais e educadores sobre a exposição do bebê às telas: Um relato de experiência. *Revista da SPAGESP*, 23(2), 128-142. [Impressões de pais e educadores sobre a exposição do bebê às telas: um relato de experiência \(bvshalud.org\)](#)
- Bedford, R., Saez of Urabain, I. R., Cheung, C. H. M., Karmiloff-Smith, A., & Smith, T. J. (2016). Toddlers' fine motor milestone achievement is associated with early touchscreen scrolling. *Frontiers in Psychology*, 7. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01108>
- Bentley, G. F., Turner, K. M., & Jago, R. (2016). Mothers' views of their preschool child's screen-viewing behaviour: A qualitative study. *BMC Public Health*, 16(718), 1-11. <https://doi.org/10.1186/s12889-016-3440-z>
- Berman, S., & Long, C. (2022). Foregrounding fathers: Reflections on a psychoanalytic research process. *Qualitative Psychology*, 9(2), 140–155. <https://doi.org/10.1037/qup0000229>
- Bernardino, L. (2017). Da babá “catódica” aos duplos virtuais: Os novos ‘outros’ da infância contemporânea. In: A. Baptista & J. Jerusalinsky (Eds.), *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais* (1st ed., pp.146-165). Ágalma.
- Bozzola, E., Spina, G., Ruggiero, M., Memo, L., Agostiniani, R., Bozzola, M., Corsello, G., & Villani, A. (2018). Media devices in pre-school children: The recommendations of

the Italian pediatric society. *Italian Journal of Pediatrics*, 44(69), 1-5.

<https://doi.org/10.1186/s13052-018-0508-7>

- Blum-Ross, A., & Livingstone, S. (2018). The trouble with “screen time” rules. In G. Mascheroni, C. Ponte, & A. Jorge (Eds.), *Digital parenting. The challenges for families in the digital age* (pp. 179–187). Nordicom.
- Borsa, J. C. (2007). Considerações acerca da relação mãe-bebê da gestação ao puerpério. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, (2), 310-321.
- Brasil (2016). Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016*. http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Ato2015-2018/2016/Lei/L13257.htm
- Brauchli, V., Sticca, F., Edelsbrunner, P., Wyl, A. von, & Lannen, P. (2024). Are screen media the new pacifiers? The role of parenting stress and parental attitudes for children's screen time in early childhood. *Computers in Human Behavior*, 152, 1-14.
<https://doi.org/10.1016/j.chb.2023.108057>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Braun, V., Clarke, V., Hayfield, N., & Terry, G. (2019). Thematic Analysis. In P. Liamputtong (Ed), *Handbook of Research Methods in Health and Social Sciences* (pp. 843-860). Springer. https://doi.org/10.1007/978-981-10-5251-4_103
- Braun, V., & Clarke, V. (s.d.). *FAQs*. [Web page]. <https://www.thematicanalysis.net/faqs/>
- Brazelton, T. B. (1974). The origins of reciprocity. In: M. Lewis & L.A. Roseblum (Eds.), *The effect of the infant on its caregiver* (pp.49-76). Wiley.
- Brazelton, T. B. (1994). *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. Martins Fontes.
- Brito, R., Francisco, R., Dias, P., & Chaudron, S. (2017). Family dynamics in digital homes: The role played by parental mediation in young children’s digital practices around 14

- European countries. *Contemporary Family Therapy*, 39, 271-280.
<https://doi.org/10.1007/s10591-017-9431-0>
- Brown, A., & Smolenaers, E. (2018). Parents' interpretations of screen time recommendations for children younger than 2 years. *Journal of Family Issues*, 39(2), 406–429. <https://doi.org/10.1177/0192513X16646595>
- Campana, N., & Gomes, I. (2019). A study about the characteristics of the contemporary parental exercise and care network. *Estudos de Psicologia*, 36.
<http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275201936e190028>
- Candela, M., Luconi, V., & Vecchio, A. (2020). Impact of the COVID-19 pandemic on the Internet latency: A large-scale study. *Computer Networks*, 182(9).
<https://doi.org/10.1016/j.comnet.2020.107495>
- Carlson, D. L., Petts, R. J., & Pepin, J. R. (2022). Changes in US parents' domestic labor during the early days of the COVID-19 pandemic. *Sociological Inquiry*.
<https://doi.org/10.1111/soin.12459>
- Carroll, N., Sadowski, A., Laila, A., Hruska, V., Nixon, M., Ma, D. W. L., Haines, J. (2020). The impact of COVID-19 on health behavior, stress, financial and food security among middle to high income Canadian families with young children. *Nutrients*, 12(8), 2352. <https://doi.org/10.3390/nu12082352>
- Carvalho, H. B. de (2020). *Maternidade, ambiente e psicanálise: Um estudo dos atravessamentos culturais na maternidade contemporânea*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.
- Cherer, E. de Q., Sonogo, J. C., Piccinini, C. A., & Lopes, R. C. S. (2018). A experiência da paternidade ao final do primeiro ano de vida do bebê. *Psico*, 49(2), 127-136.
- Clark, L. S. (2011). Parental mediation theory for the digital age. *Communication Theory*, 21(4), 323-343. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.2011.01391.x>

- Craig, L., & Mullan, K. (2011). How mothers and fathers share childcare: A cross-national time-use comparison. *American Sociological Review*, 76(6), 834–861.
<https://doi.org/10.1177/0003122411427673>
- Cost, K. T., Korczak, D., Charach, A., Birken, C., Maguire, J. L., Parkin, P. C., & Szatmari, P. (2020). Association of parental and contextual stressors with child screen exposure and child screen exposure combined with feeding. *JAMA Network Open*, 3(2).
<https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2019.20557>
- Coyne, S. M., Radesky, J., Collier, K. M., Gentile, D. A., Linder, J. R., Nathanson, A. I., Rasmussen, E. E., Reich, S. M., & Rogers, J. (2017). Parenting and digital media. *Pediatrics*, 140(2), 112–116. <https://doi.org/10.1542/peds.2016-1758N>
- Coyne, S. M., Holmgren, H. G., Shawcroft, J. E., Barr, R., Davis, E., Ashby, S., Stockdale, L., & Domoff, S. (2022). ABCs or attack–boom–crash? A longitudinal analysis of associations between media content and the development of problematic media use in early childhood. *Technology, Mind, and Behavior*, 3(4).
<https://doi.org/10.1037/tmb0000093>
- Creswell, J.W., & Creswell, J. D. (2021). *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Penso.
- Dias, E. O. (2014). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. DWW Editorial.
- Duch, H., Fisher, E.M., Ensari, I., & Harrington, A. (2013). Screen time use in children under 3 years old: A systematic review of correlates. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, 10. <https://doi.org/10.1186/1479-5868-10-102>
- Duek, C., & Moguillansky, M. (2020). Crianças, telas digitais e família: práticas de mediação dos pais e gênero. *Comunicação e Sociedade*, 37.
<http://journals.openedition.org/cs/2301>

- Dunker, C. I. L. (2017). Intoxicação digital infantil. In: A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais* (pp.117-145). Ágalma.
- Dunker, C. I. L. (2021). Economia libidinal da parentalidade. In D. Teperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli (Eds.), *Parentalidade* (pp. 39-53). Autêntica.
- Elias, N. & Sulkin, I. (2019). Screen-assisted parenting: The relationship between toddlers' screen time and parents' use of media as a parenting tool. *Journal of Family Issues*, 40(18), 2801-2822. <https://doi.org/10.1177/0192513X19864983>
- Ferrari, A. G.; Piccinini, C. A., & Lopes, R. C. S. (2007). O bebê imaginado na gestação: Aspectos teóricos e empíricos. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 305-313. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200011>
- Franco, D. A. (2013). Maternidade e amamentação: Engrenagens político-sociais na fabricação de famílias desviantes. *Mnemosine*, 19(1), 169-191. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41547>
- Freud, S. (2006). *À guisa de introdução ao narcisismo*. (James Strachey, Trad.). Imago Editora Ltda, volume XIV. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (2006). *O mal-estar na civilização* (James Strachey, Trad.). Imago Editora Ltda, volume XXI. (Original publicado em 1930).
- Frizzo, G. B., Bandeira, D. R., Levandowski, D. C., Azevedo, E. C., Mendonça Filho, E. J., Mallmann, M. Y., Pedrotti, B. G., Pieta, M. A. M., & Silva, M. A. (2017). *Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: Um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil*. Projeto de pesquisa não publicado.
- Golden, S. L., Blake, J. W. C., & Giuliano, K.K. (2020). Parental decision-making: Infant engagement with smartphones. *Infant Behavior and Development*, 61, 1-7. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2020.101497>

- Goldschmied, E. & Jackson, S. (2006). *Educação de 0 a 3 anos: O atendimento em creche*. Artmed.
- Gorin, M. C.; Mello, R. M. de, & Féres-Carneiro, T. (2021). A culpa é sempre da mãe? Um olhar sobre a maternidade através da clínica com crianças. *Estilos da Clínica*, 26(3), 520-535. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v26i3p520-535>
- Guedes, S. C., Morais, R. L. S., Santos, L. R., Leite, H. R., Nobre, J. N. P., & Santos, J. N. (2020). A utilização de mídias interativas por crianças na primeira infância: Um estudo epidemiológico. *Revista Paulista de Pediatria*, 38, e2018165. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2018165>
- Guimarães, S. S. M. L., & Daou, S. Z. (2021). Divisão sexual do trabalho, trabalho reprodutivo e as assimetrias de gênero na pandemia da Covid-19. *Direito e Sexualidade*, 2(1), 110-133. <https://doi.org/10.9771/revdirsex.v2i1.42979>
- Gutman, L. (2013). *A maternidade e o encontro com a própria sombra*. BestSeller.
- Hartshorne, J. K., Huang, Y. T., Paredes, P. M. L., Oppenheimer, K., Robbins, P. T., & Velasco, M. D. (2021). Screen time as an index of family distress. *Current Research in Behavioral Sciences*, 2, 1-9. <https://doi.org/10.1016/j.crbeha.2021.100023>
- Heller, N. A (2021). Infant media use: A harm reduction approach. *Infant Behavior and Development*, 64. <http://doi.org/10.1016/j.infbeh.2021.101610>
- Hoewell, A. G. (2022). *Maternidade e trabalho: Atravessamentos dos discursos sociais em falas de mulheres durante a pandemia do Covid-19*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Holloway, D., Green, L. & Stevenson, K. (2015). Digitods: Toddlers, touch screens and Australian family life. *M/C Journal*, 18(5). <https://doi.org/10.5204/mcj.1024>

- Hoover, S. M., & Clark, L. S. (2008). Children and media in the context of the home and family. In K. Drotner, & S. Livingstone (Eds.), *The international handbook of children, media and culture* (pp. 105–120). Sage.
- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In L. SolisPonton (Ed.), *Ser pai, ser mãe, parentalidade: Um desafio para o novo milênio* (pp. 47-52). Casa do Psicólogo.
- Iaconelli, V. (2019). *Criar filhos no século XXI*. Contexto.
- Iaconelli, V. (2021). Sobre as origens: Muito além da mãe. In D. Teperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli (Eds.), *Parentalidade* (pp. 11-20). Autêntica.
- Jerusalinsky, J. (2017a). As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. In: A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais* (pp.39-55). Ágalma.
- Jerusalinsky, J. (2017b). Que rede nos sustenta no balanço da web? – O sujeito na era das relações virtuais. In: A. Baptista & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais* (pp.13-38). Ágalma.
- Jordan, A.B., Hersey, J.C., McDivitt, J.A., & Heitzler C.D. (2006). Reducing children's television-viewing time: A qualitative study of parents and their children. *Pediatrics*, 118(5). <https://doi.org/10.1542/peds.2006-0732>
- Kildare, C. A., & Middlemiss, W. (2017). Impact of parents mobile device use on parent-child interaction: A literature review. *Computers in Human Behavior*, 75, 579-593. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.06.003>
- Kotila, L. E., Schoppe-Sullivan, S. J., & Dush, C. M. K. (2013). Time in parenting activities in dual-earner families at the transition to parenthood. *Family Relations*, 62 (5), 795–807.
- Krob, A. D., Piccinini, C. A., & Silva, M. da R. (2009). A transição para a paternidade: Da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, 20(2), 269-291.

- Lev, Y. B., Elias, N., & Levy, S. T. (2018). Development of infants' media habits in the age of digital parenting: A longitudinal study of Jonathan, from the age of 6 to 27 months. In G. Mascheroni, C. Ponte & A. Jorge (Eds.), *Digital Parenting. The Challenges for Families in the Digital Age* (pp. 103-112). Exacta Print.
- Lev, Y. B., & Elias, N. (2020). Digital Parenting: Media uses in parenting routines during the first two years of life. *Studies in Media and Communication*, 8(2), 41-48.
<https://doi.org/10.11114/smc.v8i2.5050>
- Levitt, H. M., Bamberg, M., Creswell, J. W., Frost, D. M., Josselson, R., & Suárez-Orozco, C. (2018). Journal article reporting standards for qualitative primary, qualitative meta-analytic, and mixed methods research in psychology: The APA Publications and Communications Board task force report. *American Psychologist*, 73(1), 26-46.
<http://dx.doi.org/10.1037/amp0000151>
- Livingstone, S., & Helsper, E. J. (2008). Parental mediation of children's internet use. *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, 52(4), 581-599.
<https://doi.org/10.1080/08838150802437396>
- Livingstone, S., & Blum-Ross, A. (2020, 9 de dezembro). *The contradictions of digital parenting* [Web log post].
<https://blogs.lse.ac.uk/parenting4digitalfuture/2020/12/09/digital-parenting-contradictions/>
- Lopes, R. de C. S., Vivian, A. G., Oliveira, D. S., Deluchi, M., Piccinini, C. A., & Tudge, J. (2012). Sentimentos maternos frente ao desenvolvimento da criança entre 24 e 28 meses. *Estudos de Psicologia*, 29, 737-749. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000500010>
- Macêdo, S. (2020). Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: Tecendo sentidos. *Revista do NUFEN*, 12(2), 187-204.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012

Mallmann, M.Y., & Frizzo, G.B (2019). O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: Um mal necessário? *Revista Cocar*, 7.

<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2789>

Mallmann, M. Y.; Pedrotti, B. G.; Levandowski, D. C. & Frizzo, G. B. (in press). A importância da função de mãe suficientemente boa para o desenvolvimento do bebê no ambiente tecnológico da atualidade. *Tempo Psicanalítico*.

Marin, A. H., & Donelli, T. M. S. (2013). Maternidade e paternidade: A parentalidade em diferentes contextos. Resenha. *Aletheia*, 40, 185-186.

Marques, F. M., & Frizzo, G. B. (2024). Mídias digitais na primeira infância: Uma análise qualitativa e longitudinal dos fundamentos das práticas maternas. *Psicologia Argumento*, 42(116), 99-130. <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.42.116.AO05>

Mascheroni, G., & Zaffaroni, L. (2023). From “screen time” to screen times: Measuring the temporality of media use in the messy reality of family life. *Communications*, 1-22. <https://doi.org/10.1515/commun-2022-0097>

McDaniel, B. T. & Coyne, S. M. (2016). “Technoference”: The interference of technology in couple relationships and implications for women’s personal and relational well-being. *Psychology of Popular Media Culture*, 5(1), 85-98.

<https://doi.org/10.1037/ppm0000065>

Mendes, R. (2015). Smartphones – objeto transicional e conectividade de um novo espaço potencial. *Estudos de Psicanálise*, 44, 133–144. Recuperado de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372015000200015

- Moraes, D. F. L. de, & Viana, T. de C. (2020). O faz de conta tem que prestar contas no neoliberalismo? *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 72 (3), 67-79.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000400006
- Miguel-Berges, M. L., Santaliestra-Pasias, A. M., Mouratidou, T., Flores-Barrantes, P., Androutsos, O., De Craemer, M., Galcheva, S., Koletzko, B., Kulaga, Z., Manios, Y., & Moreno, L. A. (2019). Parental perceptions, attitudes and knowledge on European preschool children's total screen time: The ToyBox-study. *European Journal of Public Health*, 30(1), 105–111. <https://doi.org/10.1093/eurpub/ckz151>
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2002). Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(2), 193-202. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000200009>
- Nikken, P., & Jansz, J. (2014). Developing scales to measure parental mediation of young children's internet use. *Learning, Media and Technology*, 39(2), 250-266.
<https://doi.org/10.1080/17439884.2013.782038>
- Nikken, P., & Schols, M. (2015). How and why parents guide the media use of young children? *Journal of Child and Family Studies*, 24, 3423-3435.
<https://doi.org/10.1007/s10826-015-0144-4>.
- Nikken, P. (2022). The touch-screen generation: Trends in Dutch parents' perceptions of young children's media use from 2012–2018. *Communications*, 47(2), 286–306.
<https://doi.org/10.1515/commun-2020-0028>
- Nimrod, G., & Elias, N., & Lemish, D. (2023). Like grandmother, like mother? Multigenerational mediation of young children's media use. *International Journal of Communication*, 17, 4079–4096. <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/20517>

- Nolan, A., Edwards, S., Salamon, A., Straker, L., Grieshaber, S., Skouteris, H., Henderson, M., Highfield, K., & Bartlett, J. (2021). Young children's agency with digital technologies. *Children & Society*, 00, 1-23. <https://doi.org/10.1111/chso.12512>
- Núcleo Ciência pela Infância. (2021). Comitê Científico. *Educação Infantil de Qualidade*. <https://ncpi.org.br/publicacoes/wp8-educacao/>
- Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças – NUFABE. (2017a). *Questionário de Dados Sociodemográficos*. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças – NUFABE (2017b). *Entrevista sobre interação familiar com uso de tecnologias – Etapa 1*. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças – NUFABE (2021). *Entrevista sobre interação familiar com uso de tecnologias – Etapa 2*. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Ogaki, H. A., & Piccinini, C. A. (2023). As funções parentais em casais homossexuais masculinos com bebês. *Psicologia em Estudo*, 28, 1-15. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v28i0.53215>
- Painter, F. L., Booth, A. T., Letcher, P., Olsson, C. A., & McIntosh, J. E. (2023). The lived experience of stress for parents in the context of COVID-19–related disruption. *Family Relations*, 1– 21. <https://doi.org/10.1111/fare.12867>
- Pedrotti, B. G. (2019). *Como prescindir das novas tecnologias no cuidado e na interação com os bebês?* Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

- Pedrotti, B. G., Mallmann, M. Y., Silva, C., Vescovi, G., Marques, F. M., Riter, H. S., Almeida, M. L.; Pieta, M. A. M., & Frizzo, G. B (2021). Infants' and toddlers' digital media use and mothers' mental health: A comparative study before and during the COVID-19 pandemic. *Infant Mental Health Journal*, 43(1), 24-35.
<http://doi.org/10.1002/imhj.21952>
- Pesce, L. R., & Lopes, R. de C. S. (2020). “O lado B da maternidade”: Um estudo qualitativo a partir de blogs. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(1), 205-230.
<http://doi.org/10.12957/epp.2020.50825>
- Piccinini, C. A., Gomes, A. G., Nardi, T., & Lopes, R. de C. S. (2008). Gestação e constituição da maternidade. *Psicologia em Estudo*, 3(1), 63-72.
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. S., & Tudge, J. (2012). O envolvimento paterno aos três meses do bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 303-314. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000300006>
- Pretorius, K., Johnson, K. E., & Rew, L. (2019). An integrative review: understanding parental use of social media to influence infant and child health. *Maternal and Child Health Journal*, 23(10), 1360-1370. <http://doi.org/10.1007/s10995-019-02781-w>
- Puccinelli, M. F.; Marques, F. M., & Lopes, R. de C. S. (2023). Telas na infância: Postagens de especialistas em grupos de cuidadores no Facebook. *Psicologia: Ciência e Profissão*. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003253741>
- QSR International. (2021). NVivo Qualitative Data Analysis Software (versão 1.5.1). QSR International Pty Ltd. [Software de computador]
<https://www.qsrinternational.com/nvivo-qualitative-data-analysis-software/home/>
- Radesky, J. S., Kistin, C. J., Zuckerman, B., Nitzberg, K., Gross, J., Kaplan-Sanoff, M., Augustyn, M., & Silverstein, M. (2014). Patterns of mobile device use by caregivers

and children during meals in fast food restaurants. *Pediatrics*, 133(4), 843-849.

<http://doi.org/10.1542/peds.2013-3703>

Radesky, J. S., & Christakis, D. A. (2016). Increased screen time: Implications for early childhood development and behavior. *Pediatric Clinics*, 63, 827–839.

<http://dx.doi.org/10.1016/j.pcl.2016.06.006>

Radesky, J. S., Kistin, C., Eisenberg, S., Gross, J., Block, G., Zuckerman, B., & Silverstein, M. D. (2016a). Parent perspectives on their mobile technology use: The excitement and exhaustion of parenting while connected. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics*, 37(9), 694-701. <https://doi.org/10.1097/DBP.0000000000000357>

Radesky, J., Peacock-Chambers, E., Zuckerman, B., & Silverstein, M. (2016b). Use of mobile technology to calm upset children: Associations with social-emotional development. *JAMA Pediatrics*, 170(4), 397-399.

<https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/fullarticle/2498404>

Rideout, V., & Robb, M. B. (2020). *The Common Sense census: Media use by kids age zero to eight, 2020*. San Francisco, CA: Common Sense Media.

https://www.commonsensemedia.org/sites/default/files/research/report/2020_zero_to_eight_census_final_web.pdf

Riter, H. S. (2021). *Mídias digitais e famílias com bebês na pandemia de COVID-19: Mudanças no padrão de uso e variáveis parentais*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Riter, H. S., Almeida, M. L., Vescovi, G., Marques, F. M., Pedrotti, B. G., Mallmann, M. Y., Pieta, M. A. M., & Frizzo, G. B. (2021). Symptoms of common mental disorders in Brazilian parents during the COVID-19 pandemic: Associated factors. *Psychological Studies* 66, 270–279. <https://doi.org/10.1007/s12646-021-00609-8>

- Robson, C. (2002). *Real world research: A resource for social scientists and practitioner researchers* (2nd ed.). Blackwell.
- Rocha, B. & Nunes, C. (2020). Benefits and damages of the use of touchscreen devices for the development and behavior of children under 5 years old: A systematic review. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 33(1), 1-10. <http://doi.org/10.1186/s41155-020-00163-8>.
- Rosa, L. C., Pedrotti, B. G., Mallmann, M. Y., & Frizzo, G. B. (2020). O papel da coparentalidade e da rede de apoio materna no uso de mídias digitais por bebês. *Contextos Clínicos*, 13, 786-806. <v13n3a05.pdf> (bvsalud.org)
- Royal College of Pediatrics and Child Health (2019). *The health impacts of screen time: A guide for clinicians and parents*. <https://www.rcpch.ac.uk/resources/health-impacts-screen-time-guide-clinicians-parents>
- Santos, N. D. T. G. dos, & Zornig, S. M. A. (2021). New nuances of motherhood: The search for a new equilibrium. *Analytica Revista de Psicanálise*, 10(18), 1-17.
- Schacter, J., & Jo, B. (2017). Improving preschoolers' mathematics achievement with tablets: A randomized controlled trial. *Mathematics Education Research Journal*, 29, 313-327. <http://doi.org/10.1007/s13394-017-0203-9>
- Scott, F. L. (2021): Family mediation of preschool children's digital media practices at home. *Learning, Media and Technology*, 1-16. <https://doi.org/10.1080/17439884.2021.1960859>
- Sehn, A. S. (2016). *A vivência da função materna no período de dependência: Do sexto mês ao quarto ano de vida da criança*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

- Sehn, A. S., & Lopes, R. C. S. (2019). A vivência materna da função de cuidar no período de dependência da criança. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, 1-11.
<https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe8>
- Serralha, C. A. (2017). A teoria do amadurecimento e as novas configurações familiares. *Revista Natureza Humana*, 19(2), 163-177. [v19n2a10.pdf \(bvsalud.org\)](v19n2a10.pdf(bvsalud.org))
- Silva, M. da R. (2007). *Paternidade e depressão pós-parto materna no contexto de uma psicoterapia breve pais-bebê*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Silva, M. da R.; Kessler, J. A.; Sartoretto, C. R. & Ferrari, A. G. (2022). Desamparo em relatos: Mulheres que são mães na pandemia por COVID-19. *Revista Affectio Societatis*, 19, 1-22.
- Sociedade Brasileira de Pediatria. (2019). *Menos mídias digitais, mais saúde. Manual de Orientação, Grupo de Trabalho e Saúde na Era Digital*. [22246c-ManOrient - #MenosTelas #MaisSaude.indd \(sbp.com.br\)](22246c-ManOrient-#MenosTelas#MaisSaude.indd(sbp.com.br))
- Souza, A. L. de F. (2018). Maternidade, culpa e ruminação em tempos digitais. *Revista Ártemis*, 25(1), 89-112. [Maternidade, culpa e ruminação em tempos digitais | Revista Ártemis \(ufpb.br\)](Maternidade,culpaeruminaçãomentempodigitais|RevistaÁrtemis(ufpb.br))
- Staniscuaski, F., Kmetzsch, L., Soletti, R. C., Reichert, F., Zandonà, E., Ludwig, Z. M. C., & Oliveira, L. de (2021). Gender, race and parenthood impact academic productivity during the COVID-19 pandemic: From survey to action. *Frontiers in Psychology*, 12, 1-14. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.663252>
- Staples, A. D., Hoyniak, C., McQuillan, M. E., Molfese, V., & Bates, J. E. (2021). Screen use before bedtime: Consequences for nighttime sleep in young children. *Infant Behavior & Development*, 62. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2020.101522>

- Sun, Y., Li, Y., Bao, Y., Meng, S., Sun, Y., Schumann, G., Kosten, T., Strang, J., Lu, L., & Shi, J. (2020). Brief report: Increased addictive internet and substance use behavior during the COVID-19 pandemic in China. *The American Journal on Addictions, 29*(4), 268-270. <https://doi.org/10.1111/ajad.13066>
- Taylor, S. (2022). The psychology of pandemics: Lessons learned for the future. *Canadian Psychology, 63*(2), 233-246. <https://doi.org/10.1037/cap0000303>
- Trage, F. T., & Donelli, T. M. S. (2020). Quem é o novo pai? Concepções sobre o exercício da paternidade na família contemporânea. *Barbarói, Santa Cruz do Sul, 57*, 141-164. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i57.14263>
- Üstündang Alkan, R., Aslan, A., Turgut, Y. E., & Kursun, E. (2021). Factors affecting parental mediation strategies in children's technology use: A systematic review. *Journal of Computer and Education Research, 9*(18), 702-723. <https://doi.org/10.18009/jcer.925859>
- Vilhena, C. C., & Ferreira, A. G. (2014). Formar bem as mães para criar e educar boas crianças: As revistas portuguesas de educação familiar e a difusão da maternidade científica (1945-1958) *Revista História da Educação, 18*(44), 129-147. <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/43232>
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed (Original publicado em 1963).
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago
- Winnicott, D. W. (1993). *Textos selecionados da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves (Original publicado em 1945).
- Winnicott, D. W. (1999). *Conversando com os pais*. São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1960).

- Winnicott, D. W. (2006). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1964).
- Winnicott, D. W. (2011). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1960).
- Wikle, J. & Cullen, C. (2023). The developmental course of parental time investments in children from infancy to adolescence. *Social Sciences*, 12(92).
<https://www.mdpi.com/2076-0760/12/2/92>
- Zanello, V.; Antloga, C.; Pfeiffer-Flores, E. & Richwin, I. F. (2022). Maternidade e cuidado na pandemia entre brasileiras de classe média e média alta. *Revista Estudos Feministas*, 30(2), 1-12. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n286991>
- Zimmermann, F. J.; Christakis, D. A., & Meltzoff, A. N (2007). Television and DVD/video viewing in children younger than 2 years. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 161(5), 473-479. <http://doi.org/10.1001/archpedi.161.5.473>
- Zornig, S. M. A. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: O processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, 42(2), 453-470.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&tlng=pt.

Anexo A. Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

UFRGS - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil

Pesquisador: Giana Bitencourt Frizzo

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 69947117.6.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.316.472

Apresentação do Projeto:

Visto que ainda são escassos os estudos desenvolvidos pela Psicologia, que incluam a compreensão desse impacto no desenvolvimento infantil e nas interações pais-bebês, novos estudos são urgentemente necessários para o entendimento desse fenômeno, especialmente no contexto brasileiro. Dessa forma, poder-se-á obter recomendações mais claras para orientar as famílias sobre o uso das tecnologias por bebês até 3 anos de idade. Este projeto objetiva investigar como as tecnologias têm sido utilizadas nas famílias com bebês de até 3 anos e qual a influência do uso dessas tecnologias para o desenvolvimento dos bebês. Será utilizado um delineamento misto, qualitativo e quantitativo para compreender o impacto do uso das tecnologias para o desenvolvimento infantil. Diversos autores, no contexto nacional e internacional (Creswell, 2010; Flick, 2009; Günther, 2006), têm defendido o uso de delineamentos mistos, afirmando que, conforme os objetivos da pesquisa, tais metodologias devem ser integradas, para que se consiga dar conta da complexidade da realidade social e da conduta humana. Assim, o uso de um delineamento misto contribui para reforçar a validade, a confiabilidade, a adequação e a complexidade dos achados do estudo (Flick, 2009). O presente projeto é constituído por três estudos, que serão descritos detalhadamente a seguir. Estudo 1- Grupo focal sobre o uso de

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 Fax: (51)3308-5698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 2.316.472

tecnologias nas famílias com bebês; Estudo 2- Estudo on-line quantitativo sobre como famílias fazem uso da tecnologia e telas. Estudo 3- Estudo longitudinal sobre o uso das tecnologias, qualidade da interação mãe-bebê, saúde mental materna e suas repercussões para o desenvolvimento de bebês de até 3 anos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Este projeto objetiva investigar como as tecnologias têm sido utilizadas nas famílias com bebês de até 3 anos e qual a influência do uso dessas tecnologias para o desenvolvimento dos bebês.

Objetivo Secundário:

- Compreender qualitativamente o uso que as famílias de bebês de até 3 anos fazem das tecnologias, através da metodologia de grupo focal; - Fazer um levantamento quantitativo do uso que as famílias de bebês de até 3 anos fazem das tecnologias, através de um survey on-line; - Compreender o desfecho do uso das tecnologias, a qualidade da interação mãe-bebê, a saúde mental materna para o desenvolvimento infantil de bebês até 3 anos de idade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Segundo autoras "os riscos para participação dessa pesquisa são mínimos, já que poderá haver desconforto ao responder algumas perguntas feitas pela moderadora. Caso isso aconteça, você terá suporte da nossa equipe de pesquisa que poderá encaminhá-los para atendimento psicológico."

Benefícios:

Conforme autoras, "não há benefícios diretos ao participar desta pesquisa, mas através de sua participação, pais e mães e os profissionais que trabalham com esse público poderão ser beneficiados, através de mais conhecimento sobre a temática que o estudo irá proporcionar."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem fundamentada do ponto de vista teórico e metodológico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os Termos foram reformulados e estão agora adequadamente redigidos.

Recomendações:

Não há mais recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há mais pendências.

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 Fax: (51)3308-5698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

**UFRGS - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO**



Continuação do Parecer: 2.316.472

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|--|------------------------|-------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_942365.pdf | 17/09/2017 23:00:37 | | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | ProjetoFAPERGSatualizadoparaCEPparacer2.doc | 17/09/2017 23:00:06 | ELISA CARDOSO AZEVEDO | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLEatualizadoparecer2.doc | 17/09/2017 22:59:39 | ELISA CARDOSO AZEVEDO | Aceito |
| Declaração do Patrocinador | autorizacaocomomsensemedia.docx | 15/08/2017 22:41:39 | ELISA CARDOSO AZEVEDO | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | ProjetoFAPERGSatualizadoparaCEP.doc | 15/08/2017 22:38:56 | ELISA CARDOSO AZEVEDO | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLEatualizado.docx | 15/08/2017 22:36:32 | ELISA CARDOSO AZEVEDO | Aceito |
| Outros | compesq.pdf | 19/06/2017 14:54:55 | Giana Bitencourt Frizzo | Aceito |
| Folha de Rosto | rosto.pdf | 19/06/2017 14:52:51 | Giana Bitencourt Frizzo | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 05 de Outubro de 2017

**Assinado por:
Clarissa Marceli Trentini
(Coordenador)**

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 Fax: (51)3308-5698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL -



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil

Pesquisador: Giana Bitencourt Frizzo

Área Temática:

Versão: 11

CAAE: 69947117.6.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.697.863

Apresentação do Projeto:

Esta é a solicitação de uma emenda ao projeto já aprovado neste CEP. Tendo em vista o contexto da pandemia de COVID-19, os pesquisadores apontam que faz-se necessário adaptar a coleta de dados do Estudo 3, substituindo-a do modelo presencial originalmente aprovado para a modalidade on-line. Solicitam essa alteração ao Comitê de Ética com o intuito de dar seguimento ao estudo, possibilitando a participação das famílias, preservando a saúde dos participantes e pesquisadores e atendendo, desse modo, às orientações das autoridades de saúde para conter a disseminação do vírus.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Este projeto objetiva investigar como as tecnologias têm sido utilizadas nas famílias com bebês de até 3 anos e qual a influência do uso dessas tecnologias para o desenvolvimento das crianças.

Objetivo Secundário:

- Compreender qualitativamente o uso que as famílias de crianças de até 3 anos fazem das tecnologias, através da metodologia de grupo focal;
- Fazer um levantamento quantitativo do uso que as famílias de bebês de até 3 anos fazem das tecnologias, através de um survey on-line;

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116

Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003

UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL -**



Continuação do Parecer: 4.697.863

- Compreender o desfecho do uso das tecnologias, a qualidade da interação mãe-bebê, a saúde mental materna para o desenvolvimento infantil de crianças de até 5 anos e 11 meses de idade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos para participação dessa pesquisa são mínimos, já que poderá haver desconforto ao responder algumas perguntas feitas pela moderadora. Caso isso aconteça, você terá suporte da nossa equipe de pesquisa que poderá encaminhá-los para atendimento psicológico.

Benefícios:

Não há benefícios diretos ao participar desta pesquisa, mas através de sua participação, pais e mães e os profissionais que trabalham com esse público poderão ser beneficiados, através de mais conhecimento sobre a temática que o estudo irá proporcionar.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Apos a realização de ajustes por parte das pesquisadoras solicitados no parecer consubstanciado emitido anteriormente, a emenda esta bem justificada e atende os requisitos do ponto de vista ético.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apos a realização de ajustes por parte das pesquisadoras solicitados no parecer consubstanciado emitido anteriormente, os termos atendem os requisitos do ponto de vista ético.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Emenda aprovada

Considerações Finais a critério do CEP:

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios parciais e finais da pesquisa, por meio de plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório", para que sejam devidamente apreciados no CEP, conforme norma operacional CNS 001/13.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|--------------------------------|---------------------------------------|------------------------|-------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1693783_E5.pdf | 05/04/2021 20:02:03 | | Aceito |

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL -



Continuação do Parecer: 4.697.863

| | | | | |
|---|---|------------------------|--------------------------|--------|
| Outros | Carta_resposta_Parecer_05_marco_2021.pdf | 05/04/2021 19:58:02 | BRUNA GABRIELLA PEDROTTI | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_Adendo_Coletas_Online.pdf | 05/04/2021 19:56:51 | BRUNA GABRIELLA PEDROTTI | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | ProjetoFAPERGSatualizadoparaCEPparacer05marco2021.pdf | 05/04/2021 19:56:26 | BRUNA GABRIELLA PEDROTTI | Aceito |
| Outros | Adendo_Coletas_Online.pdf | 12/02/2021 13:17:18 | BRUNA GABRIELLA PEDROTTI | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_SMED_2020.pdf | 10/08/2020 18:54:02 | BRUNA GABRIELLA PEDROTTI | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_HCPA_2020.pdf | 10/08/2020 18:53:35 | BRUNA GABRIELLA PEDROTTI | Aceito |
| Outros | termo_de_compromisso_uso_de_dados_cep_smspa.pdf | 10/08/2020 11:45:12 | Gabriela Vescovi | Aceito |
| Outros | EmendaSMED.pdf | 29/05/2020 13:43:45 | BRUNA GABRIELLA PEDROTTI | Aceito |
| Outros | termoanuencia.pdf | 10/02/2020 20:55:37 | MANOELA YUSTAS MALLMANN | Aceito |
| Outros | adendocreches.pdf | 10/02/2020 11:11:48 | Giana Bitencourt Frizzo | Aceito |
| Outros | adendohcpa.pdf | 10/02/2020 11:11:00 | Giana Bitencourt Frizzo | Aceito |
| Outros | cartacep.pdf | 13/06/2019 15:13:04 | Giana Bitencourt Frizzo | Aceito |
| Outros | formulario_funcoes.pdf | 17/05/2019 10:38:34 | Giana Bitencourt Frizzo | Aceito |
| Outros | Adendo_ColetaHCPA.pdf | 09/05/2019 18:13:11 | Giana Bitencourt Frizzo | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLEatualizadoparecer2.doc | 17/09/2017 22:59:39 | ELISA CARDOSO AZEVEDO | Aceito |
| Declaração do Patrocinador | autorizacaocomomsensemedia.docx | 15/08/2017 22:41:39 | ELISA CARDOSO AZEVEDO | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLEatualizado.docx | 15/08/2017 22:36:32 | ELISA CARDOSO AZEVEDO | Aceito |
| Outros | compesq.pdf | 19/06/2017 14:54:55 | Giana Bitencourt Frizzo | Aceito |

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL -



Continuação do Parecer: 4.697.863

| | | | | |
|----------------|-----------|------------------------|----------------------------|--------|
| Folha de Rosto | rost0.pdf | 19/06/2017 14:52:51 | Giana Bitencourt Frizzo | Aceito |
|----------------|-----------|------------------------|----------------------------|--------|

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 07 de Maio de 2021

Assinado por:
Oriana Holsbach Hadler
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

Anexo B. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Etapa 1

Estudo 3 - Estudo longitudinal sobre o uso das tecnologias, qualidade da interação mãe-bebê, saúde mental materna e suas repercussões para o desenvolvimento de bebês de até 3 anos

Estamos convidando você a participar desse estudo que tem como objetivo conhecer os aspectos envolvidos no uso da tecnologia para o desenvolvimento infantil.

Para alcançar os objetivos do estudo, será realizada uma entrevista individual, que será gravada em áudio, com duração aproximada de 40 minutos, na qual você irá responder algumas perguntas a respeito de seus dados de identificação pessoal e demográficos, e informações sobre o uso de tecnologias pela sua família. Também será feita uma filmagem da interação mãe-criança.

Seus dados de identificação serão confidenciais e reservados, não sendo divulgados na publicação dos resultados, já que servirão apenas para caracterizar o público que está colaborando com a pesquisa. As gravações serão utilizadas somente para este estudo, sendo armazenadas pela coordenadora da pesquisa durante 5 (cinco) anos na sala 112 do Instituto de Psicologia da UFRGS e, após este período, serão deletadas. Os riscos para participação desta pesquisa são mínimos, já que poderá haver desconforto ao responder algumas perguntas feitas pelo entrevistador. Caso isso aconteça, você terá suporte da nossa equipe de pesquisa que poderá encaminhá-lo para atendimento psicológico.

Os valores gastos em passagens de transportes públicos para deslocamento até o local das entrevistas poderão ser ressarcidos, ou seja, você não terá nenhum custo em participar da pesquisa. Neste momento, você pode não ter benefícios diretos desta pesquisa, mas através de sua participação, será possível compreender melhor os aspectos envolvidos no uso da tecnologia para o desenvolvimento infantil e os profissionais que trabalham com esse público poderão ser beneficiados. Não há remuneração prevista por sua participação.

Você terá a liberdade de retirar o seu consentimento, a qualquer momento, sem que isto traga prejuízo para sua vida pessoal. Você receberá informações sobre este projeto de pesquisa e a forma como será conduzido e, em caso de dúvida ou novas perguntas, poderá entrar em contato com a pesquisadora Profa. Dra. Giana Bitencourt Frizzo, no Instituto de Psicologia da UFRGS. Caso queira contatar com a equipe, isto poderá ser feito pelo telefone (51) 3308-5111.

Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que pode ser contactado pelo fone (51) 3308-5698 ou e-mail cep-psico@ufrgs.br.

Você receberá cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com a equipe de pesquisa.

Autorizo o uso de imagem para os fins dessa pesquisa.

Porto Alegre, ____ de _____ de 20__.

Nome do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Professora Dra. Giana Bitencourt Frizzo
Pesquisador Responsável

Anexo C. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Etapa 2

Estamos convidando você a participar da pesquisa “Estudo longitudinal sobre o uso das tecnologias, qualidade da interação mãe-bebê, saúde mental materna e suas repercussões para o desenvolvimento de crianças de até 5 anos e 11 meses”, conduzida pelo Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças (NUFABE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), cujo objetivo é conhecer os aspectos envolvidos no uso das tecnologias para o desenvolvimento infantil.

Para alcançar os objetivos do estudo, você fará uma videochamada com uma pesquisadora da equipe, em que responderá a uma entrevista sobre interação familiar com o uso de mídias digitais e será feita uma filmagem da interação mãe-criança no contexto da brincadeira em casa. Ambas serão realizadas e gravadas por meio da plataforma Google Meet, com duração aproximada de 30 minutos.

Seus dados de identificação serão confidenciais e reservados, não sendo divulgados na publicação dos resultados, já que servirão apenas para caracterizar o público que está colaborando com a pesquisa. As gravações serão utilizadas somente para este estudo, sendo armazenadas pela coordenadora da pesquisa durante 5 (cinco) anos na sala 112 do Instituto de Psicologia da UFRGS e, após este período, serão deletadas. Os resultados deste estudo serão divulgados em meio científico. Os riscos para participação nesta pesquisa são mínimos. Poderá haver eventual desconforto ou cansaço ao responder algumas perguntas feitas pelo entrevistador. Caso seja identificada qualquer situação de sofrimento, você será encaminhado(a) para atendimento psicológico na rede de saúde ou assistência social do seu município, ou para os serviços-escola das universidades envolvidas neste projeto, sem nenhum custo a você.

Neste momento, você pode não ter benefícios diretos desta pesquisa, mas através de sua participação, será possível compreender melhor os aspectos envolvidos no uso da tecnologia para o desenvolvimento infantil e os profissionais que trabalham com esse público poderão ser beneficiados. Não há remuneração prevista por sua participação. O consentimento de participação na pesquisa não retira os direitos previstos nos termos da Lei (artigos 927 a 954 da Lei 10.406/2002 e Resolução CNS no 510 de 2016 e Resolução 466/2012).

Você terá a liberdade de retirar o seu consentimento, a qualquer momento, sem que isto lhe traga prejuízo. Você receberá informações sobre este projeto de pesquisa e a forma como será conduzido e, em caso de dúvida ou novas perguntas, poderá entrar em contato com a pesquisadora Profa. Dra. Giana Bitencourt Frizzo, no Instituto de Psicologia da UFRGS. Caso queira contatar com a equipe, isto poderá ser feito pelo telefone (51) 3308-5111 ou do email nufabe@gmail.com.

Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Rua Ramiro Barcelos, 2600, Porto Alegre/RS – que pode ser contatado pelo fone (51) 3308-5698 ou e-mail cep-psico@ufrgs.br.

Você pode imprimir ou salvar este termo como forma de manter consigo uma via na qual constam as informações sobre a pesquisa, bem como os contatos da pesquisadora e do CEP no qual a pesquisa foi avaliada.

Autorizo o uso de imagem para os fins desta pesquisa.

Anexo D. Questionário de Dados Sociodemográficos (NUFABE, 2017a)

1. Dados Gerais

() Mãe () Pai

Nome:

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: ____ anos Local de nascimento:

Raça/etnia: _____

Endereço atual:

Bairro: _____ Cidade/UF: _____

Fone: _____ Celular: _____

Email: _____

Status de relacionamento: () solteiro(a) () namorando () casado(a) () morando junto () separado(a)/divorciado(a) () viúvo(a)

Se casado ou morando junto, tempo de união: _____

Escolaridade: () nenhuma () Ensino Fundamental - ____ série () Ensino Médio - ____ série () Superior () Curso Técnico () Pós-Graduação () Outro _____

Ainda está estudando? () não () sim

Atualmente está trabalhando? () sim () não () aposentado(a)

Qual sua ocupação: _____ Quantas horas de trabalho/semana?

Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

- | | |
|---|---|
| () Nenhuma renda | () De 6 a 9 salários mínimos (R\$ 5.622,00 até R\$ 8.433,00) |
| () Até 1 salário mínimo (até R\$ 937,00) | () De 9 a 12 salários mínimos (R\$ 8.433,00 até R\$ 11.244,00) |
| () De 1 a 3 salários mínimos (R\$ 937,00 até R\$ 2.811,00) | () De 12 a 15 salários mínimos (R\$ 11.244,00 até R\$ 14.055,00) |
| () De 3 a 6 salários mínimos (R\$ 2.811,00 até R\$ 5.622,00) | () Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 14.055,00) |

Quantas pessoas dependem dessa renda? _____

Quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você? _____

Tem religião? () sim () não Qual? _____ É praticante? () sim () não

2. Dados do companheiro(a) atual

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: ____ anos Local de nascimento:

Raça/etnia: _____

Endereço atual:

Bairro: _____ Cidade: _____ Fone: _____

_____ Celular: _____

_____ Email: _____

Escolaridade: () nenhuma () Ensino Fundamental - ____ série () Ensino Médio - ____ série ()
Superior () Curso Técnico () Pós-Graduação () Outro _____

Ainda está estudando? () não () sim

Atualmente está trabalhando? () sim () não () aposentado(a)

Qual ocupação: _____ Quantas horas de trabalho/semana?

Tem religião? () sim () não Qual? _____ É praticante? () sim () não

Seu companheiro (a) tem outros filhos? () sim () não Quantos? _____
Idades: _____

4. Dados sobre seu filho(a)

Nome:

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: ____ anos Local de Nascimento:

Raça/etnia: _____

Possui irmãos: () sim () não Quantos: _____ Idade outros filhos _____

Seu filho frequenta creche/escola: () não () sim, particular () sim, pública Quantas horas por
semana: _____

Seu filho nasceu a termo? () sim () não . Nasceu com ____ semanas

Seu filho tem algum problema de saúde () não () sim. Qual

Anexo E. Entrevista Sobre Interação Familiar com Uso de Tecnologias – Etapa 1
(NUFABE, 2017b)

- 1 - O que você pensa sobre o uso das tecnologias (smartphones, tablets, televisão...) por bebês?
- 2 - Em qual contexto seu filho(a) costuma fazer uso de tecnologias (como lazer, alimentação, confraternização, troca de fraldas...)?
- 3 - Qual tipo de tecnologia é oferecido a ele(a) nos diferentes contextos (como lazer, alimentação, confraternização, troca de fraldas...)?
- 4 – (Caso não tenha respondido antes) Você utiliza algum tipo de tecnologia (celular, tablet, outro) para distrair/entreter o seu filho(a)?
- 5 – Quando você não utiliza a tecnologia como distração/entretenimento de seu filho(a), quais outros recursos vocês utilizam?
- 6 – E quando seu bebê está com outros cuidadores (creche, babá ou outros familiares) você faz alguma combinação em relação ao uso de tecnologias? (Por exemplo: pode ou não pode usar?)
- 7 - Você recebeu orientações de algum profissional quanto ao uso de tecnologias pelos bebês? Se sim, de quem? E quais orientações você recebeu?
- 8 - Em sua opinião, quais as vantagens em usar tecnologias com bebês? E as desvantagens?

Anexo F. Entrevista Sobre Interação Familiar com Uso de Tecnologias – Etapa 2
(NUFABE, 2017c)

Perguntas iniciais:

- 1 - Como a rotina da família mudou com a pandemia por COVID-19?
- 2 - E em relação ao uso de tecnologias na sua família...isso mudou durante a pandemia? De que forma?
- 3 - A criança teve/tem aulas on-line? Como foi/é essa experiência para a criança e para os pais? A criança voltou a ter aulas presenciais?

Bloco 1: Experiências e práticas parentais sobre o uso de tecnologias por bebês/crianças pequenas

- 1 - O que você pensa sobre o uso das tecnologias (smartphones, tablets, televisão...) por bebês/crianças pequenas?
- 2 - Em qual contexto seu filho(a) costuma fazer uso de tecnologias (como lazer, sono, alimentação, confraternização, troca de fraldas...)?
- 3 - Qual tipo de tecnologia é oferecida a ele(a) nos diferentes contextos (como lazer, sono, alimentação, confraternização, troca de fraldas...)?
- 4 - (Caso a mãe/pai não tenha respondido antes) Você utiliza algum tipo de tecnologia (celular, tablet, outro) para distrair/entreter o seu filho(a)?
- 5 - Quando você não utiliza a tecnologia como distração/entretenimento de seu filho(a), quais outros recursos você utiliza?
- 6 - Você utiliza tecnologias junto com seu filho(a)? Quais? Como? Com que frequência?
- 7 - Existe alguma regra/combinção com a criança em relação ao uso de mídias digitais? Qual? Como é para segui-la? (tranquilo, difícil, há resistência, a criança tenta burlar?).
- 8 - Existe alguma regra/combinção entre os pais em relação ao uso de mídias digitais? Existe consenso entre os pais sobre esse assunto?
- 9 - E quando seu filho (a) está com outros cuidadores (creche, babá ou outros familiares) você faz alguma combinação em relação ao uso de tecnologias? (Por exemplo: pode ou não pode usar?)
- 10 - Você recebeu orientações de algum profissional quanto ao uso de tecnologias por bebês/crianças pequenas? Se sim, de quem? E quais orientações você recebeu?
- 11 - Você considera viável seguir essas orientações? Tem dificuldade de segui-las? Por quê?
- 12 - Em sua opinião, quais as vantagens em usar tecnologias com bebês/crianças pequenas? E as desvantagens?
- 13- O uso de tecnologias por seu filho(a) mudou conforme ele foi crescendo? De que forma? Apenas se a mãe/pai tiver dificuldade para responder a partir dessa pergunta, dar exemplos: por exemplo, em relação a conteúdo, habilidades, preferências, tempo de uso...
- 14 - Você considera que as tecnologias facilitam a rotina/vida familiar? De que modo?

15 - Você considera que as tecnologias prejudicam a rotina/vida familiar? De que modo?

16 – Quais os maiores desafios em ser mãe/pai de um bebê/criança pequena em uma sociedade tecnológica? Como você lida com esses desafios?

17 – As tecnologias auxiliam na tarefa de ser mãe/pai de um bebê/criança pequena? De que forma?

18 - Com base na sua experiência como mãe/pai, se você tivesse que dar um conselho/dica para uma mãe/um pai de um bebê/criança pequena sobre como lidar com a presença das tecnologias na vida de seus filhos, o que você diria? Estamos interessados em dicas com base na sua experiência como mãe/pai, mais do que em recomendações de profissionais de saúde de que você tenha conhecimento.

Bloco 2: História da criança na família

Rapport

Nessa última parte da entrevista nós vamos conversar um pouco sobre a história do(a) _____ (nome do bebê/criança) na família, tudo bem? (Caso haja concordância, prosseguir).

Perguntas

(1) Eu gostaria que você me contasse sobre a história do(a) _____ (nome do bebê). *A gravidez foi planejada? Caso positivo: Por que você queria ter filhos neste momento da sua vida?*

(2) Escolha 3 palavras (adjetivos) para descrever seu filho(a). *Em seguida, pedir para a mãe/pai dar exemplos específicos que ilustram o que ela quer dizer com cada adjetivo escolhido.*

(3) Como é geralmente a rotina do(a) _____ (nome da criança) durante a semana? E no final de semana?

(4) Como essa rotina foi afetada/alterada pela situação da pandemia por COVID-19?

(5) Como você descreveria seu relacionamento com seu filho? O relacionamento de vocês permanece igual/mudou desde o nascimento dele(a) até agora? De que modo?

(6) Como você tem se sentido como mãe/pai? O que mais te agrada e o que mais você considera difícil em ser mãe/pai?

(7) O que você considera uma boa mãe/um bom pai?

(8) Conte sua história favorita sobre seu filho. Pode pensar, não precisa responder de imediato. O que você mais gosta nessa história?